

Narrativas

Espaço do contar

Ano 6 | Número 6 - novembro de 2017



Narrativas

Espaço do contar

Ano 6 | Número 6 - novembro de 2017

Sobre a NARRATIVA e o SI MESMO

Lembro-me de quando pequeno assistir ao jornal na televisão. Notícias sobre guerras, política, crises. O mundo adulto parecia muito pesado. Não queria ser um. Se fosse para escolher, preferia ser o Homem Aranha, achava mais justo e condizente comigo mesmo. Eu não sabia, mas notava ali algo de muito importante.

Somos seres temporais, que organizam a vida contando ela. A Narrativa da TV também foi importante, mas a das histórias em quadrinhos foi mais. Seja com um pé na História, seja com uma perna inteira na Fantasia, somos assim, narradores e personagens ao mesmo tempo. E neste ano, com uma nova turma de 9º Ano, achados e perdidos pelas matas da Aldeia Curumim, nos descobrimos neste estrito limiar entre a realidade e a ficção. Visitamos nós mesmos na sala de aula, entre textos e contextos, e na mítica cachoeira da escola – uma lenda a ser estudada.

Como manda a tradição, dividimos as discussões em dossiês, seis ao todo, inspirados por obras que caminharam desde clássicos da Literatura até uma série ou outra da Netflix, novos são os tempos. Sempre são novos.

O primeiro projeto, “Após o fim”, nasceu dos escombros do apocalipse, dessa estranha mania nossa de imaginar como ficaria tudo caso não houvesse mais nada.

Já o dossiê “É um pássaro? É um avião?” veio dos céus, agarrado à capa de Superman. Pensamos sobre os super-heróis que rondam nossos sonhos e como poderíamos atualizá-los. Se o tempo do faz-de-conta não caminhasse a gosto do freguês, Clark Kent já teria seus 112 anos, não me falha a memória.

O próximo capítulo é como um déjà-vu. Fernando Pessoa, de pé, como de costume, nos apresenta seus eus com “O Eu profundo e os outros eus”. O poeta nunca pareceu tão atual, nos ensinando a bisbilhotar esse sótão entulhado de quinquilharias que somos nós.

A quarta parte, “E se...”, começa onde a História termina. O passado passou, passa, mas e se tivesse sido diferente? Ok então, a ficção resolve de letra.

Em “Brincar com palavras” a experiência de arquitetura. Construimos, com o auxílio dos poemas concretos, textos que parecem desenhos (ou vice-versa).

Por fim, já que It’s been a hard day’s night, as aulas de Língua Portuguesa trouxeram sua contribuição com o dossiê Beatles, um divertido passeio pelas letras dos quatro rapazes de Liverpool.

Agradecimentos não faltam, em especial a Mônica Scheer, revisora final dessas peças artísticas que se seguem e orientadora do último projeto. Vire a página, serão todos bem-vindos.

Mateus Bertolino

JOGADOR



*Para ler o
jogo de
futebol*



es não são iguais



DOSSIÊ APÓS O FIM

6

DOSSIÊ É UM PÁSSARO? É UM AVIÃO?

29

DOSSIÊ O EU PROFUNDO E OS OUTROS EUS

38

DOSSIÊ E SE...

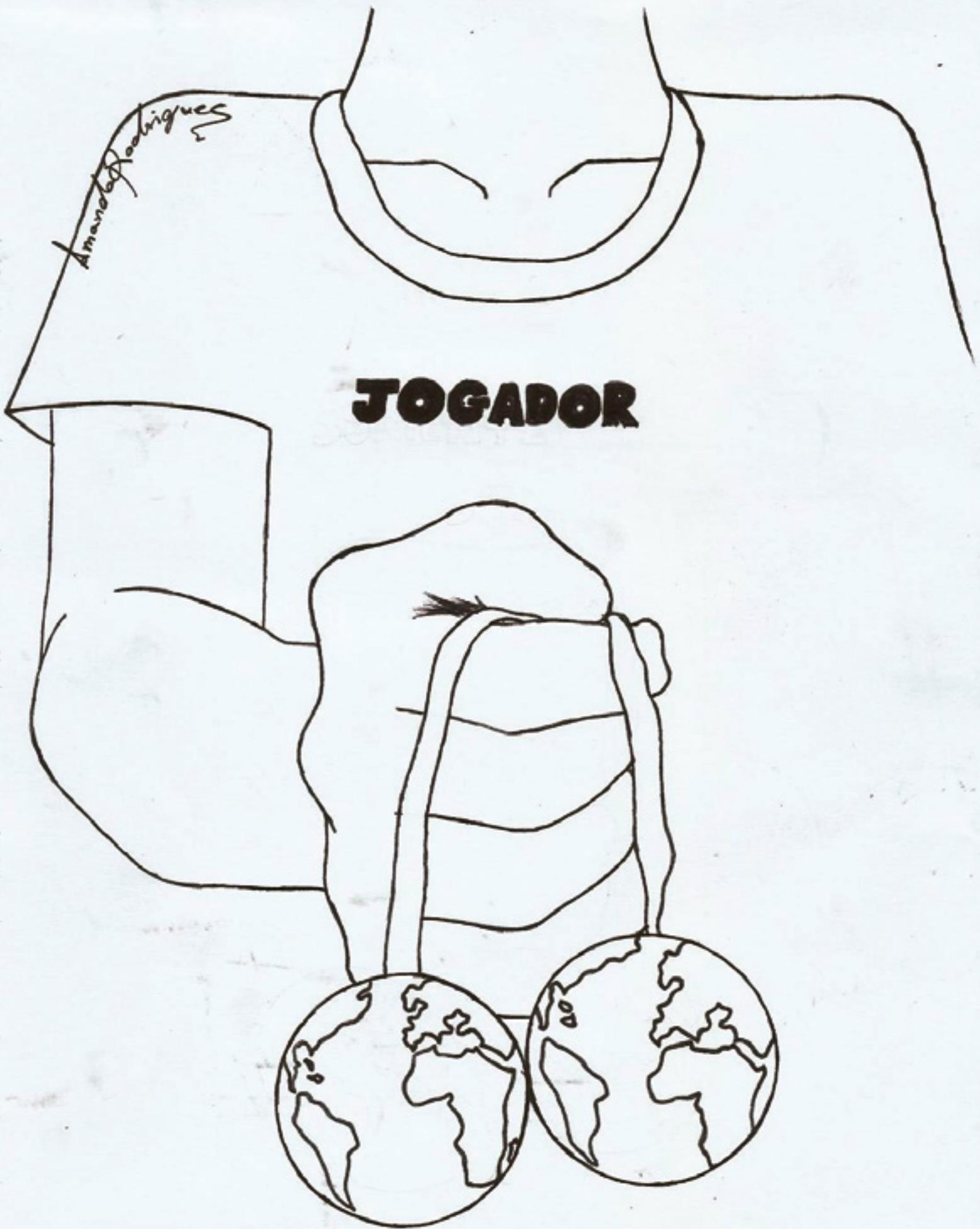
46

DOSSIÊ BRINCAR COM PALAVRAS

52

DOSSIÊ BEATLES

66



DOSSIÊ APÓS O FIM

*"Quem controla o passado, controla o futuro.
Quem controla o presente, controla o passado."*

"1984", de George Orwell

Olhe em volta. Não há nada.

Este foi o nosso ponto de partida para edificar um futuro em ruínas, distópico. Não se tratou, vale dizer, de criar um mundo sem opções, mas de imaginá-lo quando elas parecem ter se despistado. Pensamos muito sobre tudo, mas talvez o tema do fim seja o mais angustiante, já que insistimos em transformá-lo em novo começo.

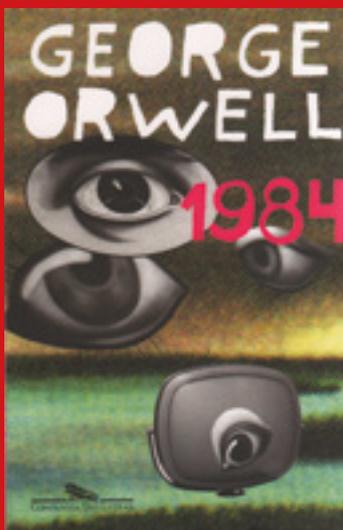
Sendo assim, há várias distopias, das psicológicas às que transformam o planeta num apocalipse pós-nuclear. O que vem depois do fim?

Aqui, portanto, há histórias de todo tipo, das mais decadentistas até aquelas que te encham de esperança. Isso é tão Black Mirror!

*"Quando tudo está perdido
Sempre existe um caminho
Quando tudo está perdido
Sempre existe uma luz
Mas não me diga isso"*

"A Via Láctea", de Renato Russo

*Obras de referência: "1984", de George Orwell / "Black Mirror" (3ª temporada)
/ "Blade Runner", de Ridley Scott / "A Tempestade", Legião Urbana*





Ela havia nascido em um mundo dividido. Cheio de preconceitos e desigualdades. Poucas pessoas com muito poder e muitas pessoas com pouco. Olhando assim até parece que ela está vivendo no nosso mundo atual, porém o mundo é literalmente dividido, há apenas um continente, que foi separado em dois por um terremoto há muito tempo. Devido ao aumento do preconceito, o governante da época tomou uma decisão. Ele iria dividir as pessoas em dois lados. Feios e Bonitos.

Ela vivia no lado dos feios, nasceu lá, permaneceria lá. Porém ela não nasceu com as características típicas do seu lado, muitos se referem a ela como um erro, uma falha.

Parece simples, vocês podem pensar que eles poderiam simplesmente mandá-la para o outro lado. No entanto, ninguém de um lado passa para o outro, e isso era extremamente controlado, havia apenas uma fronteira. Isso é o que ensinaram a todos, e todos passaram a acreditar nisso. Mas ela sempre teve esperança de existir uma forma de ela fugir, ter a oportunidade de ser feliz. Com isso em mente, ela passou a procurar por um lugar, durante todo tempo livre que ela tivesse.

Um dia, em que ela não tinha aula, e tinha um descanso das hostilidades, decidiu procurar e, de tanto procurar, ela cansou. Resolveu sentar debaixo de uma árvore em uma floresta que havia encontrado. Ela nunca havia se sentido dessa forma antes, calma, relaxada. Em paz. Sem medo. Ela respirou fundo e decidiu que aquele seria o lugar para onde ela fugiria.

Passou a ir para essa floresta todo dia após a escola, durante meses, anos, sem ser descoberta por ninguém.

[...]

Ninguém ligava para onde ela ia depois da escola, nem se importavam, então ela simplesmente aproveitava isso e ia para o lugar que passou a amar.

Era um final de tarde, após a escola, juntou suas coisas e se sentou debaixo da árvore, que ela carinhosamente deu o nome de Alice. Olhou a sua volta, e suspirou satisfeita. Estava livre para fazer o que quisesse.

Começou a tirar seu caderno da mochila junto com um lápis, para fazer uma das coisas de que mais gostava: desenhar. Ela desenhava a mesma árvore todos os dias, desde o dia em que ela a plantou até o presente, para poder ter registrado o quanto a árvore havia crescido. Além do desenho padrão de todos os dias, ela aproveitava para fazer alguns rabiscos de coisas que via durante o dia.

Desenhava concentradamente, prestando atenção em cada detalhe, mas aproveitando seu único momento de paz durante o dia. Estava quase terminando o desenho quando ouviu um barulho. Ela parou de desenhar e levantou a cabeça em estado de alerta.

Identificou uma voz. Não, três.

Desesperou-se. Ouviu as vozes se aproximando muito mais rápido do que esperava, não daria tempo de correr agora.

O que eu faço?

Não conseguindo pensar em mais nada, apoiou a cabeça nos joelhos e fez uma barreira com os braços, para que pelo menos quem quer que fosse não visse o seu rosto. Foi se encolhendo cada vez mais ao sentir as vozes cada vez mais perto.

– Cara, para de me seguir, vai atrás de outra pessoa! Eles estão todos lá atrás – Era a voz de um garoto. Ele falou rindo para seu perseguidor enquanto continuava a correr.

– Mas agora é você quem está mais perto, então vai ser você mesmo – O segundo garoto falou também rindo, chegando cada vez mais perto de seu amigo, e o garoto ia chegando cada vez mais perto da garota encolhida atrás da árvore.

O fugitivo acelerou dando uma risada. Alcançou a árvore, contornou-a e deu de cara com a menina. Assim que a viu, logo parou de correr, encostou uma mão na árvore e olhou assustado para a figura a sua frente. Seu amigo o alcançou e se jogou em sua direção, quase fazendo com que os dois caíssem no chão.

– PEGUEI! – disse rindo – Mas por que você parou? – ele foi respondido com um “espera”, enquanto o amigo se soltava dele e se abaixava para ficar no nível da garota. Fez isso sem em nenhum momento desviar seu olhar. O garoto, satisfeito por ter conseguido pegar o garoto, deu de ombros, se apoiou na árvore e passou a prestar atenção no que seu amigo estava fazendo.

No momento em que ele encostou a mão no ombro da menina, ela se encolheu mais ainda e ficou mais assustada do que já estava, se é que isso é possível. O garoto afastou a mão imediatamente e ficou mais confuso do que já estava.

– Você está bem? – ela concordou com a cabeça – Se perdeu? – ela negou com a cabeça – Você deve estar com medo de mim, não se preocupe, eu não vou fazer nada. Meu nome é Hwang, e o seu? – o garoto disse sorrindo esperando alguma reação da garota, que ainda estava escondida.

Eu levanto o rosto? Mas e se ele for que nem os outros? Ele só está me tratando assim porque não viu como eu sou. E ainda mais, vai contar para todo mundo sobre este lugar, eu não posso permitir isso.

Com esse pensamento em mente, ela começou a levantar a cabeça aos poucos, surpreendendo Hwang. No momento em que ela viu o rosto dele, gelou.

Como assim? Eu dormi, não é?

Ele era o garoto mais bonito que ela já tinha visto. Quer dizer, ele é bonito. Isso era impossível, não tinha como existir mais alguém como ela naquele lado. O olhar espantado da garota deixou o menino mais confuso ainda.

Ela foi levantando o braço aos poucos e segurou o rosto dele com as duas mãos, trazendo mais para perto com uma velocidade que quase o derrubou, de novo. Virou para um lado, para o outro, analisou cada ponto do rosto dele e ainda não conseguia acreditar. Os rostos deles estavam muito próximos, estavam olhando um nos olhos do outro. O garoto estava mais confuso que nunca, ele era normal afinal. Ainda com os olhos arregalados de espanto, a garota finalmente falou:

– De onde você é?

Hwang ficou um tempo olhando para ela, tentando captar a pergunta. Soltou uma risada fraca e respondeu:

– Como assim de onde eu sou? Não dá para ver pelo meu rosto? Olhe para o Chim, ele é como eu – ainda confuso, acompanhou o rosto da garota que se virava para olhar o rosto de seu amigo, este que fez um ‘V’ com os dedos assim que a garota olhou para ele. Ela virou a cabeça rapidamente e voltou a olhar nos olhos de Hwang.

– Por favor, não conte a ninguém sobre esse lugar, aqui é muito importante para mim – o garoto concordou lentamente, ainda não entendendo muito bem – Por sinal, meu nome é Clade. Quer dizer desastre em latim – ela disse rindo fraco, mesmo que não seja uma coisa para se achar engraçado. O garoto franziu o cenho em resposta, mas logo continuou.

– Bem... vou me apresentar de novo. Meu nome é Hwang, que quer dizer esperança em tailandês – sentou-se confortavelmente e sorriu. A garota imediatamente levantou a cabeça e olhou para ele, séria. Logo depois começou a rir, nem ela nem os garotos sabiam o porquê, ela só se sentiu leve, como se algo finalmente tivesse acontecido.

– Perdão – ela disse ainda rindo um pouco – É um nome bonito. Eu gostei dele. – olhou para ele se sentindo mais à vontade, sorrindo. Ele retribuiu o sorriso e, para ele, parecia que não existia mais nada, apenas os dois ali.

– Com licença, eu ainda estou aqui. E eu sei que ninguém perguntou, mas meu nome é Chim – o garoto disse se inclinando um pouco para frente, se aproximando dos dois. Hwang se virou para ele e imediatamente disse:

– Que quer dizer intruso – riu. Chim imediatamente se lançou contra o amigo, porém seu inimigo-amigo conseguiu se levantar mais rápido e saiu correndo. Ele logo se

levantou e foi atrás, deixando Clade rindo sozinha do jeito dos garotos.

[...]

Passaram-se dois anos desde que eles se conheceram, ela nunca achou que ficaria tão próxima assim de alguém.

Após aquele dia, as coisas mudaram um pouco para nossa garota. Ela virou amiga dos dois garotos que a encontraram na floresta. Eles mantiveram o lugar em segredo, e ela também manteve em segredo o fato de ela não ser do mesmo lado que eles, ela tinha medo. De que ela seria julgada mais uma vez, mas dessa vez por pessoas de quem ela genuinamente gostava. Isso é normal, todos temos medo de sermos julgados, porém quanto mais tempo passava, mais incerta ela ficava sobre essa decisão.

Eles se encontravam quase todo dia após a escola, quem comparecia mais era Hwang, que pareceu ter um interesse maior. Ele questionou apenas uma vez o porquê de ela só querer se encontrar ali, mas percebeu que ela ficou desconfortável e entendeu, então nunca mais tocou no assunto.

Depois de ter se encontrado com ele e de ter virado sua amiga, ela decidiu o que queria fazer com a vida dela. Queria afinal viver com eles, ao lado deles. Ela pensou em uma maneira de fazer aquilo, mas precisaria da ajuda dele, teria que contar-lhe seu segredo, e isso a deixava extremamente insegura.

[...]

Hwang andava pelo caminho que sempre fazia para a floresta enquanto pensava no que Clade havia falado para si no dia anterior, subitamente ficando apreensivo. Ele não conseguia pensar em nada mais sério, afinal, eles conversavam sobre tudo.

Chegando ao mesmo local de sempre, a mesma árvore em que eles se conheceram, olhou em volta e não viu ninguém. Resolveu sentar para esperar. Passaram alguns minutos até ela chegar. Sentou-se imediatamente assim que ficou a uma boa distância do garoto. Ela estava visivelmente nervosa, e mesmo pensando em todas as hipóteses para sua amiga estar desse jeito, não conseguiu chegar a nenhuma conclusão.

– Então, eu pedi para você vir aqui hoje porque eu tenho uma coisa muito importante para te falar e me perdoe por não ter falado antes, não me odeie.

Ela falou tudo de uma vez, rápido e sem parar para respirar, o olhando atentamente nos olhos dele. Ele concordou com a cabeça lentamente, ficando um pouco receoso. Clade demorou a falar. Ela olhava para todos os lados, movia seus olhos rapidamente e brincava com os dedos das mãos. Finalmente parou, fechou os olhos e respirou fundo.

– Eu não sou do seu lado, não sou de onde você vem – Levantou a cabeça e abriu os olhos, encontrando o rosto horrorizado do rapaz. Essa visão para ela foi como se alguém tivesse fincado uma faca em seu coração. Ela, instantaneamente, abaixou a cabeça e apertou os olhos, veio uma vontade súbita de chorar.

– Mas, espera... – respirou fundo e botou seus pensamentos no lugar – Você quer dizer que... você vive do outro lado, é isso? – Ela concordou com a cabeça – Mas isso é impossível! Não tem como você passar para cá nem eu ir para aí!

– Por que você acha que eu falei para você não contar sobre esse lugar para ninguém?
– os dois ficaram se encarando por um tempo até Hwang decidir falar de novo.

– E também, o seu rosto. Como assim você é de lá?

– Isso eu não posso explicar, nem eu sei o porquê de eu ser assim. Você acha que meu nome significa desastre por quê? – O rapaz ficou triste de repente. Hwang deu um suspiro e logo depois sorriu.

– Não se preocupe, eu não vou te odiar. Eu sou seu amigo apesar de tudo.

A garota retribuiu o sorriso e se aproximou para abraçar seu amigo, de quem, agora, ela realmente tem certeza de que pode contar e chamá-lo assim.

Ficaram mais um bom tempo conversando sobre coisas diversas, até Clade perceber que estava ficando muito tarde e retomou para o assunto que lhe importava.

– Então, é o seguinte – o garoto prestou atenção – Eu quero sua ajuda – concordou – Gostaria que você me desse informações sobre o seu lado, pois não tenho coragem de ir até lá. Mas não se preocupe, não vou fazer nada ilegal – Hwang riu – Eu pretendo ser jornalista. Repórter, tanto faz. Eu queria tentar falar com o presidente do seu lado. Eu sei que não é nem um pouco fácil, então eu pensei que se algum dia anunciarem que ele irá fazer uma coletiva de imprensa, para falar sobre qualquer coisa, você poderia me avisar.

– Ok, aviso. E também posso te passar as informações. – Clade respondeu com um “obrigada” e se levantou, trazendo seu amigo junto – Quer dizer então que você vai passar para o outro lado?

– Pretendo, mas só para falar com ele, tentar. E isso será só quando eu me formar, então pode demorar muito.

[...]

Passaram-se mais alguns bons anos, Hwang a ajudou em tudo que ela precisou, como prometido. Ela concluiu seus estudos, era agora uma profissional. Hwang também

havia se formado, se tornou o que sempre quis ser, um fotógrafo. Ele é o tipo de pessoa que admira os pequenos detalhes, ele tirava foto em qualquer momento, de qualquer coisa que o agradasse.

Depois de alguns encontros, com as mesmas informações, chegou o dia em que ele daria uma notícia diferente, a que sempre esperou ouvir. Encontraram-se no lugar de sempre e ele foi direto ao assunto. O presidente faleceu. Instantaneamente o filho assumiu o posto. Foi convocada uma coletiva para esclarecer as perguntas e dizer o que iria mudar, o que permaneceria igual, e assim por diante. Claro que, no final, serão abertas as perguntas.

Os olhos dela brilharam, mas demonstrando um pouco de tristeza por saber da morte. Já foi perguntando quando seria, aonde, se ele poderia levá-la. Esclareceu todas as dúvidas dela e afirmou que a levaria até o local.

Todos os dias até a esperada data, ela estudava, pesquisava, anotava, fazia tudo com o máximo esforço, para estar pronta para o momento por que tanto esperou. Ela estava uma mistura de felicidade e nervosismo. Ao menos podia se concentrar melhor em sua nova casa. Sentiu-se extremamente realizada por conseguir a sua própria casa e ter saído daquele inferno.

[...]

Chegado o dia, ela saiu de casa cedo, com todo o seu material, e encontrou Hwang debaixo da árvore. Ele a recebeu com um sorriso e segurou sua mão, indo para o fim da floresta, pelo caminho que dava em seu lado. Clade estava nervosa, mas não via a hora de finalmente fazer a sua pergunta, aquela que tem na cabeça desde que era criança.

Eles foram andando tranquilamente até o local, que por sinal era longe, mas por saírem cedo, tinham tempo de sobra. Clade fascinada com os lugares, decoração, parques, e Hwang achando engraçado esse interesse todo.

Chegaram ao local e ela foi logo para a cadeira em que ela ficaria pelo menos pelas próximas duas horas. Olhou para Hwang e disse um "obrigada" baixinho, de uma forma que ele conseguisse entender. Ele sorriu e fez um sinal afirmativo com as mãos, ela riu e logo voltou sua atenção para frente, as pessoas começaram a encher o lugar. Após todos terem se acomodado, as pessoas mais esperadas entraram e se sentaram atrás da bancada, sendo recepcionadas por vários flashes das câmeras.

O novo presidente sentava no meio, era acompanhado por dois agentes, um homem e uma mulher, um de cada lado do rapaz. Clade se surpreendeu por ele ser realmente novo, não só no sentido do cargo, ele parecia ter a mesma idade que ela. Ele parecia confuso ali, como se aquilo não fosse para ele. Pobre Presidente.

Durante a fala, a garota anotava tudo, tudo era muito novo para ela. As pessoas ao seu redor principalmente. Sentiu-se em casa. Essa visita só a fazia pensar em uma coisa, que aquele lado realmente não era para ela.

Percebeu também que o casal de agentes cochichava algo e apontava para algum dos participantes. Depois que a mulher falou algo, os dois ficaram extremamente chocados, levaram a mão a boca e arregalaram os olhos, parecia até que ela queria chorar.

Já estava na parte das perguntas há uns minutos e ela ficou tão absorvida pela situação atrás do Presidente que esqueceu que já estava acabando o tempo. Levantou a mão imediatamente quando se lembrou disso. Como ele tinha acabado de responder uma pergunta e não havia mais ninguém com a mão levantada, ele apontou para Clade, que respirou fundo e perguntou:

– Você acha certo continuar com esses dois lados, separando a população e deixando com que cada vez mais um lado tenha mais preconceito com o outro? – Ela disse confiante. Hwang olhava para ela com orgulho. O rapaz ficou um tempo em silêncio e, no momento em que ele ia falar, o homem atrás dele falou alguma coisa em seu ouvido, ele concordou e voltou sua atenção para Clade.

– Não, eu não acho certo. – começou um murmúrio na sala – Mas não sei se eu conseguirei mudar alguma coisa a essa altura. Isso já vem de gerações, eu particularmente gostaria sim de acabar com isso, me sinto muito incomodado, porém não tenho o poder para isso. Mas eu gostaria sim de mudar – ela sorriu satisfeita e ele retribuiu, entendendo o jeito dela de pensar.

– Muito obrigada.

Com isso foi encerrada a coletiva. Os jornalistas se dispersaram e, provavelmente, foram enviar o material para seus superiores. No momento em que ela estava indo em direção a Hwang, que estava sorrindo para ela, um homem, que parecia um segurança, parou-a e pediu para acompanhá-lo. Ela gelou. Fez um sinal de espera para Hwang, não teve tempo de ver sua expressão.

É agora que eu sou presa.

Seguiu o homem até uma sala afastada do hotel. Assim que entrou, encontrou o casal de agentes, estavam de costas, conversando sobre algo muito baixo, ela não conseguiu ouvir uma palavra sequer. O barulho da porta se fechando fez com que os dois se virassem, ela ficou nervosa instantaneamente, além de confusa. A primeira a falar foi a mulher.

– Clade? – A garota arregalou os olhos – É você não é? Como conseguiu vir para cá?

- continuou a mulher, se aproximando da garota.
- Como você sabe quem eu sou? – Ela disse séria e monocórdica.
- É difícil de explicar... – a mulher abaixou a cabeça e olhou para o outro indivíduo na sala – Não sei como podemos explicar isso para você – Clade estava mais confusa do que qualquer outra coisa.
- Só me expliquem, pode ser chocante etc, etc, mas se é importante, por favor, me contem – os dois suspiraram e chamaram-na para sentar.
- Você sempre deve ter achado que aquele lado não era para você, que você é diferente deles, certo? – Ela concordou – Porque você é. Vamos te contar uma história agora. Há muitos anos, nós traímos a lealdade do ex-presidente, isso faria com que nós perdêssemos nossos cargos e até fôssemos condenados a morte. Mas ele nos fez uma proposta, ele manteria tudo em segredo e nós trabalharíamos como sempre trabalhamos. Com uma condição. – a garota escutava tudo atentamente, sem perceber que caminho aquilo estava tomando – Continua você, querido, eu não consigo – O homem concordou.
- A condição era que nós não tivéssemos um filho, para nos concentrarmos cem por cento no trabalho. O problema era que ela já estava grávida, não tivemos coragem. Quando o bebê nasceu, ela deu um jeito de mantê-lo vivo, mas longe dos olhos e ouvidos do presidente, nós sempre acompanhamos o crescimento do nosso filho, sempre nos preocupamos com ele, mesmo de longe.
- E essa criança é você, Clade.

Eles estão falando realmente sério... não é?

Clade nem percebeu que começou a chorar, apenas chorou. Não sabia se era de felicidade por ter descoberto a verdade, se era por tristeza por ter que ter vivido tudo aquilo ou se era simplesmente por confusão, por não saber se aquilo era real ou não. Seus pais foram para seu lado e a abraçaram, também chorando.

– Nós pedimos perdão por ter feito você ter passado por tudo isso. Como um pedido de desculpas, eu gostaria de te perguntar uma coisa. – Sua mãe se abaixou e segurou seu rosto com as duas mãos. – Venha morar com a gente, sim? Nós temos tudo certo, você pode passar para cá, onde devia ter sido a sua casa desde o início.

A garota concordou com a cabeça freneticamente, ainda chorando, mas conseguiu abrir um sorriso genuíno, um sorriso que nunca havia dado antes.

[...]

Após a conversa com seus recém-descobertos pais, Clade saiu correndo de volta para a sala esperando ainda encontrar Hwang. Quando entrou na sala, a única pessoa que viu foi o garoto, que assim que viu levantou imediatamente. Os dois foram andando um em direção ao outro e se encontraram no meio do caminho. Hwang parou e ficou olhando para ela esperando por alguma explicação.

– Eu vou ficar.

– Quê? Aonde?

– Aqui, desse lado. Eu nunca pertenci ao outro lado, sempre foi pra eu ter crescido aqui, vivido aqui. Eu não posso te dar detalhes, mas saiba de uma coisa. Eu fico.

Hwang não sabia o que fazer, se a abraçava ou se corria de felicidade, ficou sem saber o que fazer com os braços, então os mexia aleatoriamente enquanto sorria. Ela riu do jeito desajeitado do garoto, que finalmente decidiu o que fazer e a abraçou até que a levantasse do chão. Ela começou a rir mais ainda, assim que ele começou a girá-la.

– Sabia que quando você se apresentou pela segunda vez para mim eu achei que você fosse um anjo? – Ela disse ainda abraçada com o garoto.

– Como assim? – ele riu.

– Eu sempre pedia para os céus que me dessem esperança, e não é que eles me deram mesmo?

O garoto riu alto com aquilo.

– Nós temos que mudar seu nome – disse o garoto sorrindo.

– Por quê?

– Você está longe de ser um desastre.

(Aqueles dois eram os seres mais felizes de todo o planeta naquele momento.)

Ana Luiza Torres

HOUSTON, WE HAVE A PROBLEM!

Essa história começa em uma China que eu nunca tinha visto. O mundo vivia em paz, a tecnologia só crescia.

Seis astronautas: quatro americanos, um inglês e um russo embarcavam em uma viagem rumo a Plutão, era uma vigem

histórica. Jamais o homem estaria tão longe de seu lar. A viagem duraria cerca de vinte anos, vinte anos em pleno espaço...

Esses astronautas passaram por uma seleção rigorosa, dois anos de preparação intensa. O projeto Hades3, com destino a Plutão, foi um projeto que durou cerca de quinze anos para ser concretizado e foram longas as negociações entre grandes governos, como o americano, o inglês, o francês, o chinês, entre outros.

O projeto tinha previsão para acontecer depois da virada do século XXI, porém a China tinha uma coisa que eles planejavam há quase 80 anos. Eles a chamaram de "ISAS", uma superinteligência artificial que era capaz de montar coisas, programá-las para combate, pesquisas científicas, o que a China precisasse. Então foi feita uma reunião secreta com líderes mundiais onde a China se mostrou interessada em ajudar, porém tinha um preço. Depois de longas negociações chegou-se a um acordo e todos os outros países pagaram com dinheiro por mais armamentos e alguns de larga escala de produtos básicos.

Tudo isso só veio à tona faltando apenas dez anos para a viagem, o que causou uma grande euforia, havia pessoas comemorando por todo mundo, felizes com a nova descoberta, porém ninguém pensou no outro lado da história.

Era pleno janeiro fazia muito frio em todo o hemisfério norte, no entanto, o frio não tirava a felicidade de todos com o lançamento do foguete ASUS, que iria em direção a Plutão. Pessoas ao redor do mundo mandaram

mensagens de amor e força para os seis astronautas.

Enfim, a missão Hades3 se iniciava, pelos próximos vinte anos pessoas em três bases na Inglaterra, Rússia, China e, é claro, em Houston, nos Estados Unidos. Nos primeiros dias tudo ocorria bem, o foguete ia à velocidade certa, as comunicações eram perfeitas.

Após cinco anos, o módulo espacial se preparava para pousar em Plutão e as imagens eram transmitidas para todo mundo, as pessoas viviam um sonho. O objetivo da missão era de tornar fértil uma parte do solo do planeta através da agronomia e produtos químicos, assim, seria possível plantar árvores, fazendo pequenos buracos no solo para que o oxigênio gerado por elas pudesse, ao longo do tempo, formar uma atmosfera e tornar Plutão um planeta habitável.

Enquanto isso, na Terra, algumas pequenas informações pareciam estar com problemas, mas nada que atrapalhasse o decorrer da missão. Na China, estavam criando algo que chamavam de humanoides, robôs idênticos a humanos que podiam copiar qualquer um e conectar-se com qualquer máquina. Devido a isso, o mundo começou a olhar com um pouco de desconfiança para a China, mas ela não parecia nem um pouco interessada em arranjar conflito com ninguém.

Os anos se passaram, a missão continuava indo bem, até que algo muito estranho aconteceu: navios americanos sofreram uma espécie de pane e afundaram em pleno Oceano Atlântico. Depois mais

coisas estranhas: aviões russos explodiram, artilharias automáticas americanas atiraram em um avião de marca russa e então o caos começou. Pessoas insinuavam que Rússia e Estados Unidos estariam em guerra.

O tempo passa e a situação se agrava, e tudo que envolve tecnologias eletrônicas começa a revelar sérios problemas. Pequenas coisas na NASA começam a falhar. O caos total começa quando o presidente da Rússia anuncia guerra contra os Estados Unidos, ninguém entendeu nada, ele simplesmente não parecia ele mesmo.

A situação se agrava e os Estados Unidos também declaram guerra devido aos ataques de aviões russos em Nova York... A partir daí o mundo vive uma guerra mundial novamente.

Todo o registro eletrônico que eu escrevi durante a guerra foi apagado, aí você me pergunta: por quem? Simplesmente as máquinas tomaram conta do mundo, elas manipularam tudo. A NASA mandou mensagens avisando o ocorrido para os astronautas que não conseguiam responder graças a panes no sistema geral da base. Tudo era manipulação da "ISAS", aquela famosa inteligência artificial que todos amavam estava trazendo esse caos. Eles estavam criando clones de pessoas e matando os humanos, foi assim que fizeram com o presidente da Rússia, estão hackeando armas de guerra e executando ataques em

todas as partes do mundo. Algumas pessoas, quando tentaram trazer isso a público, tiveram mortes estranhas.

Então eu, Zaida Quim Cho, um dos funcionários que ajudou na criação da "ISAS", mando essa mensagem criptografada para vocês que, devido ao tempo de demora do envio, já devem estar voltando pra Terra. Saibam que, quando chegarem aqui, não terão uma vida fácil, talvez estejamos mortos. A Terra que construímos não é mais aquela. Isso foi o preço que pagamos por não termos olhado com atenção a nossa volta, por nunca estarmos satisfeitos com o que tínhamos. Espero que isso passe e possamos viver em um mundo melhor.

O fim está mais próximo do que nunca.

4 de abril 2110. Zaida Quim Cho, da Terra.

[...]

(7 de junho 2110. Missão Hades3. Plutão.)

– Gente, tem uma mensagem direcionada a todos nos. Afirmo Dustin Henderson.

– Nossa! Faz tempo que a gente não recebe mensagens, acho tem algo estranho acontecendo.

"Essa história começa em uma China que eu nunca tinha visto..."

Pedro Lima

Um Estado. Crise. Todas as soluções pensadas já foram aplicadas. Todas falharam. A solução final foi a coisa mais desumana, radical e revoltante. Felicidade. Uma palavra que agora é cara e que provoca nostalgia.

“Todos que querem ser felizes, deverão pagar uma quantia ao Estado. Pais e mães devem ensinar a seus filhos as dificuldades e tristezas da vida humana. Se a criança for feliz, haverá uma taxa. Os mais ricos serão os mais felizes. Quem rir da beleza da vida sem pagar o preço, perderá moradia para o governo, terá suas posses leiloadas e será preso por sonegação fiscal. Não chore... mas ajudem o Estado. O futuro será melhor.”

Esse foi o discurso do tal homem considerado presidente, mas agora nomeado Ditador. O homem que todos queriam matar com o pecaminoso sorriso no rosto e as permitidas lágrimas no coração.

[...]

Era o dia 29 de julho. Um dia após o da Independência. A grande Nação Mundial estava voltando à monótona vida perfeita depois de grandes comemorações. Ele, depois de uma longa ressaca, finalmente acordou. O quarto estava uma bagunça, havia roupas espalhadas pelo quarto e nenhuma pessoa além dele. Soltou uma leve risada sarcástica, como se toda aquela bagunça fosse patética. Levantou de sua cama ainda cambaleando um pouco e foi se aprontar para o “trabalho”. No café da manhã, vendo o jornal, derrubou sua caneca ao ouvir as palavras saindo da televisão ao vivo:

“Todos que querem ser felizes, deverão pagar uma quantia ao Estado.”

De início ele achou que era uma piada. Uma piada muito bem feita. Mas quanto mais ele ouvia o discurso, mais ele via a seriedade das palavras. O acastanhado ignorou tudo a sua volta, ele não ligava para as coisas que estava quebrando quando saiu o mais rápido que podia. Como morava na capital, seria fácil chegar ao palácio.

Chegando ao odiado lugar, ele continuou a ouvir o discurso.

“Não chore. Mas ajude o Estado”

Contudo, ele não ouviu esse conselho. Então ele gritou e chorou o mais alto que podia. Caiu de joelhos e continuou implorando. Mas era claro que não seria ouvido. Pois todas as almas em volta dele também gritavam.

[...]

Oito dias se passaram. Por enquanto estava tudo calmo. Triste. Morto. As pessoas nem saem de casa. Engraçado. Sabe... Tudo que é feliz é pago, mas existem coisas que simplesmente excluíram a felicidade. Para evitar que todas se comovessem... lembra daqueles comerciais de pasta de dente? Esses mesmos... Eles nem sequer mostram pessoas sorrindo agora, apenas mostram a arcada dentária.

As pessoas não sabem como reagir. Muitas delas, assim como eu, ainda acham que isso é apenas um pesadelo e não aceitam a realidade.

Andei pensando: e se eu conseguisse burlar o sistema? E se eu até mesmo demonstrasse felicidade sem saberem? É fácil. Desde que o famoso decreto foi... decretado... nenhum homem do governo, nenhuma pessoa mesmo veio até o meu apartamento. Digamos que sou um tanto sedentário e preguiçoso demais para chamar alguém à minha casa. Isso quer dizer que, se ninguém veio aqui, então ninguém instalou câmeras de segurança. Ou seja, não estou sendo vigiado. Que estranho... Se o governo não nos vigia, como eles saberão se somos ou não felizes para cobrar a taxa? Simples. Vou apenas pesquisar piadas antigas na internet. Não há nada melhor para se fazer. Tudo vai bem até eu ver os dizeres:

"Esse página da web está bloqueada. Pague U12,50 para prosseguir"

Que droga! Estava muito frustrado até me lembrar de coisa mais brilhante. Eu sou um gênio! Esta nova lei não é exclusiva do nosso país?! É só pesquisar em outra língua. O governo talvez tenha bloqueado os humores internacionais, mas não todos, são milhões de sites de humor para cada país. Seria impossível bloquear todos os sites de todos os países em apenas oito dias.

Horas se passaram até eu achar um site que não estivesse bloqueado. Era um em mandarim. Por sorte, eu fiz mandarim quando eu era pequeno, mesmo que não prestasse muita atenção nas aulas.

Depois de um tempo eu já tinha lido tudo que era divertido do site. Mas o problema era que não era divertido. Piadas chinesas não são muito boas. Foram apenas duas ou três que me fizeram rir.

[...]

Já se passaram vinte e três dias desde o acontecimento. Muitos suicídios aconteceram. Muitas pessoas se mudaram para outros países, poucos, já que nesses lugares essa lei não existe. Queria eu poder fazer isso. Mas, para minha infelicidade, o governo aumentou muito as passagens de avião para isso não acontecer. Apenas os mais ricos conseguem sair. Hoje é o dia das contas chegarem. Ou seja, vai ser a primeira conta de sorrisos. Quando vi o resultado da minha conta, dei um grito: ¥2578,20. Como assim?! Quando fui ver os sorrisos que gastei, tinha um que simplesmente acabou com toda minha esperança: 笑是免费的。同。 Era o site chinês que eu visitei. Peguei o objeto ao meu alcance e o atirei contra a parede de tanta raiva. Achei que poderia ser feliz. Achei que ainda poderia rir de graça. Achei que eu poderia voltar a viver como antes. Mas estava enganado. Eu não aguento mais essa vida.

Fiquei cansado de tanto chorar e fui dormir, talvez lá fosse o único lugar onde eu pudesse ser feliz.

[...]

Foi uma longa noite de sonho. Como o tão esperado fim de semana chegou, depois de tanto trabalho, hoje eu dormi mais. Cada segundo a mais foi valioso, especial. Valeu a pena dormir mais. Pois nesse simples ato de fechar os olhos e perder sua sensatez, foi que eu consegui ser feliz depois de muito tempo. Eu jamais queria ter acordado. Sonhei que eu me divertia com meus amigos, e que eu conhecia alguém. Vi seu rosto e amei cada segundo em que eu sonhei com ela. Ela botou um sorriso no meu rosto. Tudo parecia perfeito até eu acordar. Quando acordei, lembrei que eu vivo uma vida banal e que não posso ser feliz sem perder a miséria de dinheiro que eu tenho. Ainda tenho sono, mas não consigo voltar a dormir, então fui andar pelas tristes ruas da capital. Cada passo era uma lágrima. Não só minha, mas também de todas as outras pessoas a minha volta. Por que será que começamos a chorar do nada? Deve ser porque vimos pessoas bem vestidas, com joias e roupas de marcas, mas principalmente um acessório que nos chamou a atenção: sorrisos, risadas altas e nenhuma compaixão pelas pessoas que não tinham dinheiro suficiente nessa crise para fazer o mesmo. Não suportei a visão. A tristeza que senti me inspirou ódio. Corri para casa antes que eu ficasse louco. No caminho de casa, eu vi uma garota. Ela me parecia familiar, mas eu sabia, eu nunca a vi. Comecei a suar frio, antes que ela sumisse do meu campo de visão, segurei-a pelo braço. Ela também parecia surpresa ao me ver. Com uma voz suave e angelical ela me perguntou:

“Onde você esteve durante todo esse tempo?”

[...]

“Quem é você?”

“Eu que deveria estar perguntando isso.”

“Por que me trouxe à sua casa? Eu nem te conheço.”

“Mas eu te conheço. Na verdade, não conheço, mas sei quem você é.”

“Eu vou embora. Você deve ser um louco.”

“Você já me viu, não é? Talvez em seu sonho?”

“Sim... eu estava esperando a hora em que o homem que apareceu em meu sonho apareceria na minha vida.”

“Você apareceu no meu sonho. Foi o único lugar onde fui feliz durante todo esse tempo” – disse a ela, sussurrando a última frase para que ninguém ouvisse.

Depois de encontrá-la, eu não disse nem uma palavra. Apenas a levei comigo a meu apartamento. Nós precisávamos esclarecer toda essa história e não podíamos ser vistos, pois provavelmente sorriríamos. Depois de toda essa conversa, eu descobri que ela também

sonhara comigo e descobri seu nome: Luna. Eu também disse meu nome, que permaneceu anônimo durante todo esse tempo nessa história: Mike. Combinamos de nos encontrar todos os dias na praça em frente ao palácio do governo.

[...]

Já faz quase um ano desde que a encontrei. Quando a vi na praça, assim como combinamos, abri um imenso sorriso no meu rosto. Dessa vez, eu nem me importaria o quanto isso custaria. O país ainda está triste, caótico e sem sentido. Depois de um tempo, vimos pessoas se reunindo em frente ao palácio. Nesse palácio, onde o presidente mora. Todas as pessoas usavam máscaras com sorrisos estampadas na parte da boca. Eles pichavam palavras felizes, rostos felizes e gritavam dizendo que jamais pagariam por nada. Policiais tentavam tomar alguma ação, mas eles eram minoria. Era impossível lutar contra essas pessoas.

Depois de pensar muito, Luna e eu decidimos nos juntar ao grupo. Lutar pela nossa felicidade. Não aguento mais ver toda essa tristeza. Descobri que Luna perdeu seu irmão. Suicídio. Precisávamos lutar. Nos abraçamos forte, pois sabíamos que seria difícil.

[...]

Entramos para o grupo. Isso não foi difícil. Dizer que quer ser feliz é a chave para entrar. Ganhamos nossas máscaras e as colocamos, assim que olhamos um para o outro, rimos, pois as máscaras ficam engraçadas em nossos rostos, e não pagaríamos essa risada.

O líder do grupo nos disse qual seria o próximo passo. Propagar. Teríamos que espalhar a ideia. As pessoas teriam que nos conhecer e se juntar a nós. As pessoas teriam que nos conhecer e fazer parte de nós. Devemos crescer. Mas sem deixar rastros.

Depois do que pareceu uma eternidade, finalmente conseguimos novos membros. Luna não parava de sorrir por de baixo da máscara. Eu conseguia ver isso nos olhos dela. Nós vamos mesmo lutar pela nossa felicidade. Eu não conseguia acreditar. O pai de Luna ficaria feliz. Assim como eu estou.

Depois de concluirmos a tarefa, todos nós tivemos uma reunião com o líder. Após nos elogiar por ter feito um bom trabalho, o líder nos disse qual seria a próxima tarefa. Matar o presidente.

“Quem gostaria de...”

Antes que ele pudesse terminar a frase, levantei minha mão. Me surpreendi quando vi que Luna também levantara sua mão.

“Bom... Então vocês dois farão o trabalho. Enquanto vocês estarão no palácio para concluir a tarefa, nós estaremos bem aqui para decidir as outras tarefas. Por favor, terminem a tarefa com sucesso.”

[...]

“Você quer mesmo fazer isso?” – perguntei a ela.

“Nunca estive tão convicta em uma ação minha.”

Nos dirigimos ao palácio, ambos com uma arma na mão. Estávamos felizes com o que estávamos fazendo. Quando entramos, deixamos uma carta com a secretária. Nessa carta estava escrito o que estávamos fazendo e o que o governo deveria fazer após a execução do presidente. Sorte nossa que era uma carta longa. Enquanto ela lia, corremos em direção ao gabinete do presidente.

Nós corremos muito. Tivemos sorte de que não nos alcançaram. Quando chegamos, entramos e trancamos a porta imediatamente.

“Quem são vocês? Saiam daqui agora!!!” – disse o presidente parecendo um pouco desesperado.

“Acabou.”

E assim o barulho do tiro ecoou pelo palácio inteiro.

[...]

Tudo o que vejo agora são grades, ratos, pessoas vítimas de injustiça. Na sela em frente a minha estava ela. Luna. A garota que, junto comigo, foi presa por homicídio. Não um homicídio qualquer. Matamos o presidente. Nunca estive tão feliz, mesmo estando dentro de uma sela. Meus pensamentos foram interrompidos pela risada alta de Luna. Ao mesmo tempo eu comecei a rir também.

Poucos segundos depois, todo o corredor da ala 7 da prisão também ria conosco.

Giovanna Costa

DOIS MUNDOS

Em uma data tão distante, houve um tsunami que acabou com praticamente todo o litoral da América do Norte. Um ano antes, a partir do projeto de um engenheiro, vinte e duas pessoas foram testar a “grande obra” da época: a Arca.

Logo, quando o tsunami aconteceu, restaram alguns sobreviventes na Terra. Os países atingidos já haviam se recuperado da tragédia e surgiu uma inovação assustadora.

[Hoje, dia 2 de outubro de 2880]

O chanceler enunciou que voltaríamos para a Terra, porque o teste já tinha sido concluído.

Aterrissamos e nos deparamos com uma sociedade diferenciada. Quero descobrir o que ocorreu para as pessoas ficarem tão desorientadas.

– Vou guardar o livro e já volto.

[Após uma hora]

Eu estava a caminho de um lugar desconhecido e avistei os monstros da Terra. Eram como robôs, controlados por algo tecnológico, em que os pensamentos, movimentos, jeitos eram iguais. Fabricavam algum tipo de vacina, e o objetivo dela era transformar os outros em seres como eles.

Parte do meu povo aprendeu a dançar, pois era um costume nosso na Arca. O chanceler estava pensando em acabar com essa população através da dança, mas havia muitas discórdias e discussões e achava-se que a guerra era a melhor opção, por isso ele preferiu o silêncio, para decidir em outra hora.

[Depois de uma semana]

Aquele povo, com identidade desconhecida,

se aproximava do nosso camping. Houve uma rápida reunião com todo o povo da Arca. O chanceler irritado começou a fazer uma dança típica de rua, que transmitia uma mensagem de guerra, alguns sem saber o que estava acontecendo, o seguiram e perceberam que a dança tinha uma “magia” de liberdade.

[Após algumas semanas...]

Os maiores de dezoito anos participariam da “guerra”, deixarei então meu livro com um amigo e ele a descreverá por mim.

Deram-lhes um tipo de vestimenta parecida com a dos hippies dos livros antigos. Nós iniciamos com a dança e ele com a vacina.

Eles eram maioria, conseguiram dominar poucos dos nossos e nós conseguimos curar praticamente todos, sobrou apenas o centro de controle e as pessoas que os monstros contaminaram – só que o centro de controle é impossível de deter.

[...]

Infelizmente, Arthur não está aqui para terminar a história, mas vou contar.

Nós dominamos o litoral e aumentamos sua população...

Ana Clara Alamino

“Não sei como será a III Guerra, mas sei como será a IV: com paus e pedras”

Albert Einstein

Diário da Riko

Dia 32 (pós-guerra), 2056, França, pela manhã?

Estamos com o estoque de comida relativamente cheio, porém o estoque de água está no fim. Portanto, o racionamento de água vai começar a partir de hoje. Um grupo de homens vai sair à procura de um rio (mesmo sabendo que é muito provável que esteja contaminado com a radiação da III Guerra), meu melhor amigo Louis está com eles e isso me deixa nervosa.

Mesmo dia, pela tarde??

Já não sabemos se é manhã, tarde ou noite, pois o céu está coberto com uma grande nuvem de gases tóxicos, plantas estão morrendo e os animais estão se tornando mutantes e cada vez mais agressivos. Louis e o grupo ainda não voltaram e estou ficando preocupada. Nos preparamos para dormir e nos dividimos em grupos para ficar de vigia.

Dia 33???

Todos acordam com três batidas fortes na porta do armazém, esperamos para ver se batiam de novo, e bateram e dessa vez mais forte. Gritamos e perguntamos quem era, e nos aliviamos quando responderam... era o grupo. Todo alívio que nós sentimos vai embora quando eles entram, todos estavam machucados, mas apenas dois estavam gravemente feridos. Eles pediram um descanso antes de explicarem tudo. Eles também [parte rasgada]

Dia 34????

Após dormirem, explicaram tudo, todos se chocam ao ouvir o líder do grupo revelando que existia outro grupo como a gente, só que ele possuía um pouco de tecnologia diferente. Quando pediu para compartilhar, foi atacado. O líder descreveu que eles pareciam animais, e que ficavam rondando a tal tecnologia. Na volta da expedição, eles encontraram um búfalo com partes metálicas conectadas a seu corpo, e que, ao serem vistos pelo búfalo, foram atacados e [folha rasgada]

[...]

Dia?????

Após alguns dias desde que o nosso grupo foi atacado, recebemos algumas cartas de ameaças, decidimos então nos preparar para um possível ataque. No decorrer do tempo, o líder deu a ideia de atacar antes de sermos atacados, e aproveitar para pegarmos o restante da tecnologia que estava com eles. Não concordei com a ideia, porém houve mais votos a favor. Então é isso, é uma guerra por restos de tecnologia,

olha no que estamos nos transformando, ela está sendo mais importante do que nossa humanidade. Não quero ser pessimista, mas é aqui que a humanidade acaba, por um simples desejo egoísta.

Boa sorte para quem encontrar esse diário. Espero que vocês consigam uma [folha rasgada]

Gustavo Lira

Acordo todos os dias às 5h30 COM O BARULHO TERRÍVEL DO MEU DESPERTADOR, tomo meu banho e vou ao trabalho. Volto à noite, mas o problema não está aí, está naquele maldito despertador, que faz um barulho alto e me dá um susto daqueles!

Um mundo sem o tal despertador seria bem melhor para as pessoas, todas sem exceção. Todos que quisessem acordar em uma hora, deveriam nela acordar, pois as pessoas não iam tomar susto e sim ter um dia mais agradável – e o mais importante, sem ficarem estressadas para ir para o trabalho, sem exageros no trânsito etc.

Ao invés do despertador, um mini chip que botássemos em nós e escolhêssemos a hora de levantar todos os dias seria o ideal. Nada de caos, funcionaria todo dia que você ligasse o chip e programasse o horário certinho para não dar erro. Controlado por um aparelho de graça que viesse equipado com a casa das pessoas.

Imagina que paraíso você acordar cedo sem o barulho chato do despertador e depois um belo café da manhã...

#porummundosemdepertador.

Davi

Era uma vez dois meninos que estavam sozinhos numa ilha, pois o avião deles quebrou.

Eles encontraram pertences escondidos e levaram tudo para a beira da praia, mergulharam no mar que levava a um navio gigante e ainda trouxeram de lá um banquete de artefatos perdidos. Quando assumiram os próprios controles, eles acharam um caminho a partir de uma trilha de colmeias até uma casa para passar a noite.

No dia seguinte, eles foram até um labirinto secreto, se separaram para chegarem à outra ilha que havia inscrições entre alguns mapas. Eles voltaram para fazer uma visita na China e foram jantar educadamente, sem pressa, para não morrerem sufocados.

Guilherme

CARTA DO GOVERNO PARA A POPULAÇÃO.

População da Terra,

Ontem, dia 16/05/2381, estávamos comemorando o fim da guerra de 2300, que matou milhares de inocentes por uma briga sem sentido entre países orgulhosos que tinham o objetivo da dominação mundial. Por isso foi criada a GDPU, Grupo Dos Países Unidos. Uma solução para todas as discórdias, que trará a paz à Terra.

Fizemos uma passeata para lembrar este triste passado que não pode ser apagado. No meio da homenagem, que começou na Praça Central e iria terminar no Palácio da Liberdade, terroristas de diferentes facções organizaram atentados, causando a morte de vários inocentes. Esses terroristas têm o interesse de começar outra guerra para separar a nossa grande nação e voltar a ser como era antes.

Nosso exército conseguiu prender parte desses revoltosos, porém grande parte ainda está à solta pelas ruas, planejando novos ataques. Por isso pedimos para que a população fique atenta e evite sair nas ruas por enquanto. Qualquer um que tiver informações sobre os fugitivos pode comunicar as autoridades imediatamente, para que a sua segurança e a de todos seja garantida.

Atenciosamente o seu amigo e governador,

Rodrigo da Silva.

Ana Telles e Duda Alves

20 de março de 2100.

Desde muito tempo, o ser humano vem se destruindo. Muitos sempre acharam que o fim do mundo seria causado por ataques de zumbis ou por uma invasão alienígena, mas ninguém nunca pensou que o fim do mundo poderia ser causado por nós mesmos.

A terra hoje, no ano de 2100, é um lugar onde não se tem regras, ou trabalhos, ou casas, ou famílias, é um mundo que considero inabitável.

Pessoas sendo ~~assassinadas~~^{assassinadas}, esturpadas, roubadas... Não se tem polícia nem segurança. Um mundo onde é cada um por si.

Não se avola mais nas ruas como antes, estão sempre desertas, carros abandonados no meio das estradas, corpos de pessoas mortas jogados nos cantos... Não existe mais comércio, todas as lojas foram saqueadas, mercados, farmácias, casas...

~~Se você quiser salvar o mundo, não se preocupe com as pessoas,~~
~~se preocupe com as pessoas que estão morrendo.~~
~~Se você quiser salvar o mundo, não se preocupe com as pessoas,~~
~~se preocupe com as pessoas que estão morrendo.~~ Mas quem sabe um dia
você, quem for que este esteja levando esta carta, consiga mudar
isso, essa merda de mundo. Espero que o mundo volte e volte a
ser como era antes!!

SEJA MENOS HUMANO

Amanda Rodrigues

Super Homem aerobater



DOSSIÊ É UM PÁSSARO? É UM AVIÃO?

“Antes de ser uma Bomba, a Bomba era uma Ideia.

Superman, contudo, era uma Ideia Melhor, Mais Rápida, Mais Forte.

Não é que precisasse que Superman fosse ‘real’, só precisava que ele fosse mais real que a Ideia da Bomba responsável por atormentar meus sonhos.”

“Superdeuses”, de Grant Morrison

As HQs são um fenômeno do mundo contemporâneo, de grande difusão desde suas origens. A maioria de nós se aproximou delas ainda pequenos, seja pelas cores chamativas ou por encontrá-las perdidas em alguma estante na casa dos amigos. Talvez nem soubéssemos ler. As tramas envolvendo personagens sobre-humanos estão nas bancas de jornal há quase um século, custando num primeiro momento dez centavos de dólar nos Estados Unidos e hoje transcendendo o suporte original, com alcance no cinema, na TV e, principalmente, na internet. Criaram-se franquias que valem milhões. Personagens como Superman estão na nossa consciência coletiva, inclusive para os que não liam ou sequer gostassem de suas páginas repletas de ação e seres estranhos.



Se os super-heróis, em alguma medida, nos formaram, como podemos formar nossos super-heróis?

Obra de referência: “O Reino do Amanhã”, de Mark Waid e Alex Ross

A LUTA PELA IGUALDADE

Há muito tempo atrás, surgiu um mito e falava sobre um herói. Um herói que lutou pela igualdade, pela liberdade dos escravos e por justiça. Esse herói era filho de uma escrava, e, como filho de escravo, também não possuía sua liberdade nos EUA dos anos de 1800. Ele seria um homem normal se não fosse sua habilidade de manipular e criar fogo.

Quando ele descobriu esse poder, tinha 16 anos, havia se separado da sua mãe quando criança por vendedores escravagistas. Ele passou por grandes dificuldades na vida, sofrendo com punições dos seus donos e com grande esforço trabalhando, mas como qualquer outro escravo, não recebia comida e água adequada para tanto esforço. Sempre teve aquele sentimento de resistência e força de lutar pelos seus direitos, mas tinha medo. Com esse poder, ele viu que tinha chance de escapar e conseguir ajudar outras pessoas.

Conforme o tempo passou, ele ajudava cada vez mais gente, mas, quanto mais ele ajudava, mais pessoas com raiva dele apareciam, procurando-o. Ele tinha um problema, os donos das fazendas contrataram um caçador de recompensas. Ele era o melhor atirador do mundo, conseguia mirar e atirar somente pelo som do movimento de sua presa.

Um dia o caçador de recompensas e o nosso ex-escravo se encontraram durante uma tentativa de libertação de cativos. O caçador vinha atirando, mas o nosso herói derretia as balas, até que o caçador foi atacar a queima roupa e o fogo lançado atingiu a arma, fazendo-a explodir e matando-o. Depois desse incidente, começaram a chamar nosso herói de Incendiário.

Incendiário continuou libertando escravos e lutando pela igualdade, até que um dia morreu por causa de varíola, mas antes disso viveu por muitos anos.

Há pessoas que falam que essa história é mentira ou um conto para crianças, mas eu sei que é verdade e que seu verdadeiro nome era Johnson...

Como eu sei? Eu sou um viajante no tempo.

Francisco Paulino

Nem sempre o Vale foi assim, seco e árido. Já foi florido e alegre onde todos os seres viviam em harmonia. Onde tudo se encaixava, a grande Gaia era a mãe de tudo e todos que lá viviam.

Inicialmente havia mais animais irracionais do que racionais, mas com o tempo isso foi mudando. Os humanos, racionais, começaram a se reproduzir mais rápido que o normal. No início, Gaia

achou bom, até pensou:

– Mais humanos, mais criatividade e diversidade.

Com o passar dos anos, o equilíbrio entre animais racionais, irracionais e plantas começou a mudar. Formando um grande abismo. Racionais estavam no topo e irracionais e plantas na base. Ela repensou suas ideias e percebeu que o crescimento de irracionais e plantas não estava proporcional ao dos outros, então teve que intervir.

Gaia foi até a Vila dos humanos para conversar e resolver a situação, mas, no caminho, percebeu que não os via há muito tempo. Ela havia ficado tão preocupada com os números que acabou se esquecendo do mais importante, a evolução.

Quando chegou lá, tudo estava diferente. Havia grandes construções, milhares de pessoas pelas ruas, cheiros variados e muita diversidade. No primeiro momento, ela ficou apaixonada, mas ela continuou andando. E percebeu que estava no centro da cidade e, quanto mais ela andava, mais suja e triste a Vila ficava. Gaia viu a pobreza das pessoas e ficou indignada, não com os humanos, mas com ela mesma. Por causa do seu desleixo com a evolução, as coisas acabaram assim.

Voltou para o centro e percebeu que tinha uma construção maior do que todas que já tinha visto. Entrou na esperança de achar um representante. Quando entrou, viu uma fila com dezenas de pessoas

esperando e do outro lado da sala uma grande porta com dois homens armados. Foi direto para a porta e um dos dois disse:

– Vá para a fila, plebeia, sua hora de oferenda para o rei irá chegar.

E foi empurrada para o fim da grande fila, ficou brava por um segundo, mas então lembrou que estava na sua forma humana e o pobre homem não a havia reconhecido.

A fila demorou horas e foi lá que ela conseguiu perceber como os humanos estavam diferentes. Apesar de serem sua criação, já tinham se transformado em algo muito maior e mais importante.

Gaia estava quase desistindo quando o mesmo homem que a havia empurrado chamou-a para entrar. Primeiramente ficou na sua forma humana, pois assim veria o que realmente estava acontecendo.

Na sala tinham muitos homens e quase todos de pé, portando armas, a não ser um que estava em uma grande e chamativa cadeira. Ela foi direto a ele, pois percebeu que ele deveria ser o representante. Na metade do caminho, os homens em pé a impediram de passar e disseram que não poderia passar daquela área. E de lá ela não saiu, então disse:

– Representante, eu gostaria de fazer algumas reclamações construtivas para que vocês possam viver em harmonia novamente.

Alguns cochichos e risadas dos homens

em pé. E o representante, que na verdade era rei, viu que estavam rindo da situação e percebeu que tinha que botar a “plebeia” no lugar. Ele se levantou e disse:

– Plebeia, quem você acha que é para achar que pode dar opiniões na minha vila? – falou gritando – E eu não sou um representante, sou o rei! E também não vou deixar nada nem ninguém falar assim comigo. Guardas, levem a plebeia para fora!

Gaia começou a se encher de ódio, estava indo na direção do “rei” quando os homens ao redor, que na verdade eram guardas, tentaram impedi-la. Enquanto era puxada à força para fora, gritou, para que o estúpido homem na cadeira pudesse ouvir:

– Ninguém deve ser superior a ninguém! E se fosse para ter, seria Gaia! Não um grosso que não se importa com o resto da população!

O homem olhou para ela e falou para os guardas:

– Parem! – imediatamente os soldados pararam de empurrá-la e a seguraram pelo braço. Então ele disse diretamente para ela – Gaia morreu, ela nos abandonou! Ela nunca ligou para a gente, só ligava para sua riqueza e a sua beleza!

Quanto mais ele falava, mais furiosa Gaia ficava. Até que ela não aguentou mais e explodiu de raiva e se transformou em algo nunca visto antes, um grande ser de ar que causou uma grande destruição,

abrindo um buraco na construção. Todos lá na hora puderam ver a grande Gaia ao seu redor.

Ela voou no céu como nunca antes e todos ficaram hipnotizados com a sua beleza. Quando ela voltou a terra e ia começar a falar, o homem, “rei”, gritou:

– Ela é uma bruxa, guardas, ataquem!

Depois disso tudo, o tempo ficou como em câmera lenta e Gaia não estava conseguindo acreditar, a sua própria criação, o seu orgulho, atacando-a e correndo em desespero pelas ruas. Nos primeiros segundos ela tentou se explicar, mas tudo que ela conseguia fazer era chorar.

Saiu voando pelos céus a caminho da sua casa, mas infelizmente sua paz não seria agora. Como era um ser de ar, deixou uma marca no céu como se fosse um jato passando em alta velocidade. E nesse momento, o “rei” já tinha reunido todos os soldados e estavam todos na direção da grande trilha deixada no céu.

Ao chegar em casa, Gaia chorou por horas, até que sua caverna se transformou em um grande lago. Tudo estava flutuando, os seus bens e coisas valiosas e até o mais importante, o que lhe dava vida: sua pedra de luz. Sem ela, Gaia ficaria sem forças para dar vida ao Vale. Infelizmente, o homem que liderava o grande exército sabia por lendas de seu ponto fraco.

Quanto mais perto o homem e seu exército chegavam, mais destruição e

tristeza eles traziam. Gaia, de tanto que chorava, não conseguiu ouvir o barulho de seus filhos chegando e acabou sendo pega de surpresa. Quando os soldados entraram em sua casa.

O “rei” foi implacável, deixou que os outros distraíssem Gaia que, na visão deles, era um grande monstro. Ela tentava conversar com seus filhos, mas eles estavam com tanto medo e raiva, motivada por mentiras, que nem a deixaram se explicar. Então, ela desistiu de lutar e se sentou em uma pedra, ainda não coberta pela água, esperando que seus próprios filhos a destruíssem. Ao mesmo tempo, do outro lado da caverna, o homem tentava destruir a pedra de luz. Depois de um tempo tentando, ele conseguiu e, instantaneamente, Gaia sentiu uma dor nunca sentida antes por nada nem ninguém. Sumiu no ar.

Todos ali presente começaram a gritar de alegria e parabenizar o “rei”, até que um disse:

– Nosso herói!

Alguns começaram a repetir e, depois de um tempo, o exército inteiro estava gritando “Nosso herói! Nosso herói!”. O rei, cheio de orgulho, nem agradeceu as dedicatórias e só ficou lá, parado, ouvindo os gritos de vitória. Porém, mal sabiam eles o que ainda estava por vir.

O reino só continuou a crescer depois da morte Gaia e, quanto mais crescia, mais tecnológico ficava. Eles atravessaram mares, perderam o medo dos irracionais, inventaram curas para doenças nunca vistas antes e até saíram do planeta.

Após muitos acontecimentos, alguns começaram a perceber que os recursos estavam acabando e a pobreza aumentando. Pois, quando, milênios antes, aquele homem matou Gaia, ele não percebeu que não havia matado só a “bruxa”, havia matado a renovação. E, dessa forma, tornado o planeta Terra finito.

Então, aquele homem lá atrás, chamado de herói, seria mesmo um herói? Ou só o primeiro vilão de muitos outros?

Ana Telles

Em uma pequena cidade ao sul, ocorreu uma sequência de homicídios. O assassino degolou, esfaqueou e fez algumas formas estranhas nos corpos das vítimas. Tudo será investigado pelo melhor detetive da região. Por sorte, ele estava por lá no momento dos assassinatos.

O detetive terá que resolver esse caso antes que o assassino ataque novamente. Porém, ao chegar ao local do crime, ele se assusta, havia tido sonhos que foram muito parecidos com a cena que se desenhou diante dos seus olhos. Será que o grande detetive está envolvido com o assassinato ou ele pode prever seus próximos passos?

Sua carreira pode depender desse caso? Ele terá que usar suas habilidades e sua incrível mente para resolver esse caso.

Pois não existe nenhum herói com poderes para resolver isso, os heróis são as pessoas que dão a vida para salvar as outras.

Gustavo Lira e Duda Alves

Uma mulher simples,
Mas com poderes.
Poder de ser a salva-vidas do mundo,
Poder de ser telepata,
Poder de ter o poder.

A cada situação resolvida,
Fixa-se uma figura, representando-a.
E a cada situação resolvida,
Uma onda de tormenta caminha direto a sua mente.

Atordoada por episódios pesados,
Pensa em não atuar mais como heroína,
E se perde entre dois universos,
O físico e o mental.

Pensando no bem da sociedade,
Mantem sua liderança,
Mas em sua cabeça,
A única coisa que se passa
É a rejeição.

Por não ter mais pele à mostra,
Se ilude achando que se tornou
Um copo sem vida.
Quando sua pele era preenchida, se espanta,
Havia uma renovação.

Ana Clara Alamino

CAPITÃO BOLUDO, O HERÓI ARGENTINO

Nome: Kristaps Zoorman

Nome terráqueo: Diego Hernandez

Altura: 1.84m

Peso: 78kg

Poderes: inteligência e resistência sobre-humanas e telecinesia.

Pais biológicos: Karlen Iristz e Zachary Zoorman.

Pais terráqueos: Carmen Hernandez e Sergio Salles.

Sua história começa em Karzem, um planeta distante onde nosso herói nasceu e cresceu. Apresentava uma inteligência superior aos dos demais, porém seu pai nunca o deixava exercer sua habilidade e isso gerou uma ira em Kristaps, que fugiu para um lugar desconhecido.

Foi parar em um lugar estranho onde havia um artefato gigante. Kristaps não sabia o que era aquilo. Mexeu em um painel tecnológico quando, de repente, algo o prende pela cintura. As portas fecham e a então descoberta nave começa a traçar um rumo, kristaps entrou em desespero quando viu que estava no espaço e só foi parar automaticamente na Terra.

Ele é achado, nos pampas argentinos, por um casal que não conseguia ter filhos, então acabam o adotando. Os anos se passam e o menino se desenvolve.

Seu primeiro ato de herói foi quando ele estava em um banco e, de repente, começa um grande assalto. O, então, Diego Hernandez, nome dado por seus pais adotivos, não fez nada a princípio. No entanto, depois de perceber que os assaltantes iriam matar todos, Kristaps começou a agir usando sua inteligência e sua telecinesia. Chegou a levar um tiro na perna, mas se regenerou.

Quando os militares souberam do ocorrido, decidiram chamá-lo para o exército, onde se deu muito bem e hoje é o principal capitão, de codinome Boludo. Não há um vilão que o freie, pois o capitão combate todos os problemas de seu país.

Pedro Lima e Davi

Shamizen é um espírito que vaga pelas ruas do Japão sem rumo em busca de perigo. Basta ouvir um pedido de socorro que ele esconde sua presença e vai analisar a situação para enfim agir. Ele luta não para o bem, e nem para o mal, e sim para o que é justo. Usando técnicas de ilusão e suas afiadas garras.

Ele seria a encarnação da sabedoria, representando os seres místicos, Kitsunes, e habitando o Templo das Raposas.

Golpes baseados na velocidade, com movimentos ágeis e elegantes e a ilusão para mudar o ambiente ao seu redor ou até mesmo mexer com a mente do inimigo. Ele não costuma se mostrar, por isso poucas pessoas viram sua verdadeira forma.

Dizem ele ter um portador, alguém que o comanda, como se ele fosse um cão de guarda, porém isso permanece um mistério.



Catharina Pavão

Fernando Pessoa



Meus heterônimos

DOSSIÊ O EU PROFUNDO E OS OUTROS EUS

"Sê plural como o universo"

Fernando Pessoa

Quantas almas temos? O poeta Fernando Pessoa respondeu a esta questão ao longo de sua obra, sem deixar para nós, aflitos leitores, uma mensagem definitiva. Seus heterônimos, outras personalidades criadas dentro de si, tinham nomes, histórias e angústias que nos fazem imaginar ao menos cem homens vivendo no íntimo do poeta.



Retrato de Fernando Pessoa, por José de Almada Negreiros

Em carta a um amigo, Pessoa comenta sobre a criação de todos eles:

"Graduei as influências, conheci as amizades, ouvi, dentro de mim, as discussões e as divergências de critérios, e em tudo isto me parece que fui eu, criador de tudo, o menos que ali houve. Parece que tudo se passou independentemente de mim. E parece que assim ainda se passa."

Se fôssemos outros, quem seríamos? A lírica pessoana nos convidou a mergulhar no oceano de nós mesmos, encontrando novos "eus"... nossos heterônimos.

Aqui se apresentam alguns, esperamos que gostem de conhecê-los.

Obras de referência: "Cancioneiro", "Livro do desassossego", "Poesia completa de Álvaro de Campos", "Poesia completa de Alberto Caeiro", "Poesia completa de Ricardo Reis", de Fernando Pessoa / "O ano da morte de Ricardo Reis", de José Saramago

CONFUSO

Irei parar, pensar e talvez chorar
Falar, gritar, tentando explicar
Coisas simples me afetam, se juntam,
ficam maiores, nunca menores

Você está triste, sensível?
Muito eu em outro nível
Sem falar, o humor expressa
sem ter que comentar

Eu me embolo em minhas próprias palavras
Talvez eu ainda não as entenda
Quando se trata de sentimentos,
tudo muda, espero que eu não me prenda

Então eu escrevo
A escrita é o meu trevo
O lugar onde posso me expressar
Já tenho a sorte, agora é só arriscar,
tentar me ajudar e melhorar

Phelipe Fernandes

Dia é a parte de mim que vê o mundo com amor e otimismo. Enxerga a beleza nas pequenas coisas e as aprecia. Sabe lidar com problemas e sempre tem esperança, é sonhadora, filosófica e há quem diga que Dia não vive no século XXI, pois dá valor a pessoas e ideologias diferentes de hoje. Tem alma de artista e sua vida é uma eterna melodia.

“O que é beleza?
Onde está a beleza?
A beleza está em todos os lugares
Esta dentro de nós
Está no ar
No bater das asas de uma borboleta
Ela está no crescer das flores
Fotossíntese da alma”

Sou Thales e moro em um apartamento com minha família e com meus cachorros. Lá fora trabalho como advogado, possuo um carro de luxo moderno, pois o salário banca, estou em um processo com um cara que está sendo acusado de assassinato, seu nome é José.

Seguindo com o processo, o juiz o botou em prisão domiciliar e fui estudando em casa, ouvindo escutas e tentando coletar provas. Achei um áudio em que os suspeitos falaram de uma arma e fui investigar. Chegando em casa para analisar o material, me deparei com uma escuta de um cara falando sobre o local que supostamente estaria a arma. Fiquei surpreso e fui dormir para no dia seguinte levar à polícia.

Fui de fato dormir.

No dia seguinte, levei até eles e fomos ao lugar da escuta, onde achamos a arma e levamos para um laboratório. Depois da análise, o resultado acusou uma digital e com isso comparamos com os dos suspeitos e achamos o ladrão de verdade. Nisso, todos os outros foram soltos, mas com receio.

Eu e José fomos comemorar e sair para beber juntos.

UMA SAUDÁVEL CONFUSÃO INTERIOR

Eu tenho certeza de que o amor existe, mas talvez, por ser perturbador, eu não saiba amar. Ou talvez por não ter regras, eu não saiba manuseá-lo. É uma confusão infinita que não passa, e minha mente a cada vez mais pede socorro, e eu não sei socorrer, porque na maioria das vezes, não sei se o que eu sinto é algo, ou se é apenas um vazio que precisa ser preenchido.

O amor não tem explicação. É doloroso, atormentador e injusto. Mas é uma das melhores injustiças do mundo. Apesar de todas as conturbações, o amor é o que dá essência à vida e é definitivamente o sentimento mais saudável de ser sentido.

DOIS LADOS DA MESMA MOEDA

Dois irmãos moram na mesma casa, têm os mesmos familiares e são totalmente diferentes. Um é tímido, quieto, introvertido, estuda, gosta de séries e vídeo games. O outro é engraçado, extrovertido, fala muito, é preguiçoso, gosta de esportes, sair com os amigos e ir a festas.

Quando discutem, na grande maioria das vezes, o extrovertido sai com razão, acontecendo que, quando vão fazer alguma coisa, o extrovertido sempre escolhe. Sempre discordando e escolhendo caminhos diferentes, mas eles não sabem que são

mais parecidos do que acham. O introvertido pode ser engraçado, falar muito e ser preguiçoso. Assim como o extrovertido pode ser compromissado, ser quieto e gostar de ficar em casa.

Moeda

THALESSON: A LUTA CONTRA A BALANÇA

Mais um jogo sem jogar, apenas esquentando o banco. Minha carreira de jogador está se complicando, às vezes quando vou dormir me lembro de quando tinha 17 anos e subi para o profissional do Cardoso Moreira. Alguns me chamavam até de Novo Edmundo, só que aí eu ganhei muito dinheiro fui pro grandioso São Paulo F.C.

Tive um sério problema e acabei perdendo a linha depois do título da Copa do Brasil. Meti o pé na jaca e fui a baladas, churrascos e, na volta de um recesso, não fui ao treino, tomei uma bronca séria. Depois disso, não foi só meu rendimento que caiu, o do clube também, e passamos dificuldades. Fomos rebaixados naquele momento e achei que meu vínculo com o São Paulo iria acabar, mas não, continuei no clube e, no final da temporada, ajudei o time a ser campeão. Fiz dois gols na final daquele jogo duro contra o Bahia, que começamos perdendo, porém virando ao final.

Você sabe, com isso minha moral estava lá em cima, então eu alopei nas férias e voltei 9kg acima do ideal. Hoje estou numa espécie de lá e cá, às vezes faço gol, às vezes saio vaiado. Há pessoas que dizem que não presto mais e outras que dizem que tenho lá minhas qualidades, só precisava fechar a boca.

Assim eu sigo minha jornada em busca de um bom jogo.

Nome: Stevan Marc

Nacionalidade: Francês

Idade: 32

Data do Nascimento: 10/04/1685

Olá, sou Stevan Marc (ou pelo menos acho que sou), não sou uma pessoa muita aberta, mas tenho a sensação que deveria me abrir para vocês, mesmo sabendo que, na sociedade em que vivo, será difícil ser aceito.

Tenho bons amigos, bons mesmo, sou muito feliz quando estou com eles, porém há um pequeno problema. Há certa divisão entre eles, eles divergem de acordo com seus gostos, são como pequenos grupos, e mesmo eu participando de principalmente um, estou cada hora em um. Às vezes não me sinto em nenhum, como se estivesse

faltando algo. Essa sensação de vazio me faz pensar muito sobre mim e sobre o que pensam de mim.

Não sei se sou eu que me cobro demais ou se é a sociedade, pois, de vez em quando, me sinto muito pressionado e tenho vontade de desistir. Até consigo esquecer esse pensamento quando estou com meus amigos e família, contudo ele volta cada vez mais forte.

Eu tenho a impressão de que esses problemas se devem ao fato de eu tentar ser outra pessoa, como agora, muitos não percebem, pois escondo bem que sou uma pessoa muito insegura, frustrada e confusa nos meus próprios pensamentos.

Agradeço sua compreensão.

Por quem você acha que sou, a pessoa a qual você enxerga.

Eu já fui para muitos lugares. Qualquer um que você possa imaginar. Da América a Ásia, Equador a Butão.

Em momentos de tédio eu penso:

“Que vontade de ir para a Austrália”

“Que vontade de ir para a minha casa”

“Que vontade de ir para a casa da minha amiga”

E eu simplesmente vou.

Um dos lugares que eu mais visitei foi Dubai, desde que eu era criança. Sou fascinada por essa cidade, já fiquei em tudo que é hotel.

Outros dois lugares que eu amo ir são o Japão e a Coreia. Sou apaixonada demais por esses dois, já fui para muitas cidades. Uma das que eu mais gosto é Tokyo.

Tokyo é fantástica.

Mesmo eu já tendo ido para todos esses lugares, o meu favorito mesmo é a minha casa. Nenhum lugar é melhor. Ainda mais se estiver com alguém querido, **o que sempre acontece.**

Yujo

{ DIFERENTE }

Me pediram que eu contasse uma história da minha vida. Mas não uma qualquer, teria que ser A grande história da minha vida. Porém, tristemente, percebi que não tenho muitas histórias para conta. E não, eu não sou excluída nem nada do tipo, só cheguei à conclusão que uma garota de 14 anos ainda não teve tempo de viver “A grande história da minha vida” e muito menos de escrever sobre.

Então cheguei à conclusão de que escrever sobre mim seria muito mais produtivo. E não, não vou escrever coisas bobas sobre adolescentes que todo mundo já sabe, que são tão óbvias que nem vale a pena citar.

MAGUARI.

Meu nome é Maguari, nome científico Ciconia Maguari. Minha mãe teve a brilhante ideia de botar um nome de pássaro em mim, é tipo uma cegonha. Quando eu tinha uns oito anos minhas amigas me perguntaram o que significava o meu nome e eu não soube responder. Até aquele dia nunca tinha ligado, nem sequer pensado, sobre isso. Chegando em casa perguntei a minha mãe e ela disse que, como um pássaro, um dia iria abrir minhas asas e voar pelo o mundo. Eu só tinha oito anos e é óbvio que não entendi muita coisa. Hoje em dia eu entendo e até gosto dele, me faz sentir diferente.

Diferente, significado; que apresenta algum aspecto novo ou desconhecido, que não é frequente; raro, incomum. Essa palavra está sempre na minha cabeça ultimamente, o que faz de uma pessoa diferente? Para mim vai muito além de gostar de K-pop ou se vestir de uma forma totalmente diferente da maioria. Ser diferente para mim é olhar para algo, ou alguém, e ver mais do que a superfície. É ter uma característica que você sente que só você no mundo tem.

Toda essa busca de ser diferente começou a pouco tempo atrás quando eu comecei a ler. Nos livros todos os personagens são tão singulares e com características tão incomuns e interessantes, que eu acabei querendo ser um. Como por exemplo em um dos últimos livros que eu li, o personagem principal gravava últimas palavras de pessoas importantes, apesar de nunca ter lido nada que a pessoa havia escrito. É disso que eu estou falando ter uma característica tão própria que ninguém nunca pensaria.

Ainda estou em busca de ser diferente e a jornada mal começou.



Foto-Montagem: Gabriel

DOSSIÊ E SE...

"Enquanto não alcançares a verdade, não poderás corrigi-la. Porém, se a não corrigires, não a alcançarás. Entretanto, não te resignes."

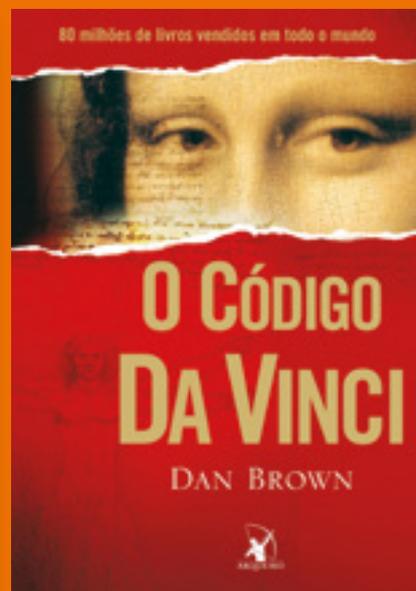
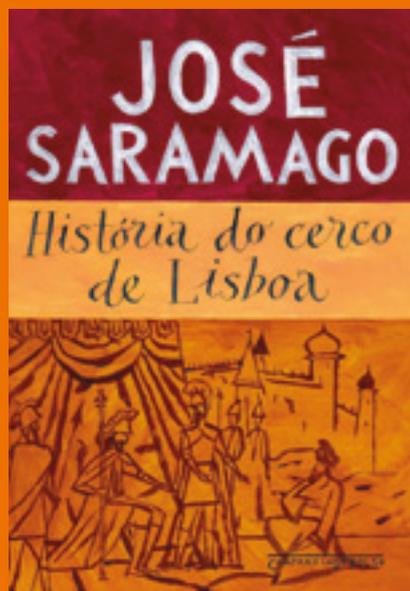
"História do cerco de Lisboa", de José Saramago

E se o Brasil tivesse sido colonizado pelos ingleses? E se Hitler tivesse vencido a Segunda Guerra Mundial? E se a Guerra Fria fosse "quente"? E se Vargas não tivesse se matado? E se aquela final de campeonato tivesse outro resultado? E se eu tivesse me lembrado daquilo que esqueci?

E se...?

Pergunta que começa desse jeito, historiador não responde. "E se..." é construção para os literatos ou, como nós, curiosos imaginativos, investigadores do que foi sem nunca ter sido. Entenderam?

Não podemos responder a tudo com a bruta realidade, afinal. Pensem nas possibilidades...



Obras de referência: "História do cerco de Lisboa", de José Saramago / "Conspiração Franciscana", de John Sack / "O Código da Vinci", de Dan Brown

11 DE SETEMBRO

O presidente Bush em 2001, concorrendo a eleição para a Presidência, viu um atentado em que as Torres Gêmeas caíram. O líder Osama Bin Laden foi o responsável e as Torres caíram em chamas junto com a economia dos Estados Unidos.

Bush, irritado, promete vingança ao país em que Osama se escondeu, o Paquistão. Logo após reconstruir as Torres, Bush prepara bombas para lançar e devastar o Paquistão secretamente. Enquanto isso, seus aliados preparam uma solução escapatória para sair da crise econômica. Incentivam as pessoas a sair do país, pois este irá entrar em conflito com o Paquistão e com isso convoca seu Exército e a Marinha para invadir e detonar a cidade mais importante do rival.

Em seguida à declaração, as pessoas se revoltam com Bush e acabam indo contra ele que, sem escolha, solta as bombas no Paquistão secretamente, saindo do cargo de Presidente por isso. Muitas vítimas foram feitas para que se achasse Osama. As pessoas perguntaram o que aconteceu, mas nada de Bush, já afastado do cargo, se pronunciar.

Depois de Bush ser responsabilizado por lançar as bombas, acaba sendo exilado e indo morar na França sob vigilância policial.

Ramon

O Flamengo sempre foi conhecido por ser o time de maior torcida do Brasil – e ainda é. Mas, nas décadas de 1940 e 1950, ainda não haviam tido o reconhecimento nacional e internacional com que sonhavam.

Isso mudou quando surgiu um jovem atleta chamado Arthur Antunes Coimbra, mais conhecido pelo apelido de Zico. À frente de um time de craques, como Mozer, Nunes, Andrade e Adílio, o craque levou o rubro-negro a conquistar cinco campeonatos cariocas, quatro brasileiros e a Taça Libertadores de 1981. No mesmo ano, disputaria o torneio intercontinental, mais conhecido como Mundial, derrotando o Liverpool por 3 a 0. Isso foi um fato histórico, pois quase nenhum time brasileiro havia

repetido este feito.

Zico era um jogador incrível, só faltava uma coisa para ele ser um jogador com basicamente todos os títulos importantes: a COPA DO MUNDO pelo Brasil.

Hoje ele buscou esse título, no ano de 1986. Zico operou o joelho e não podia jogar na Copa, mas foi mesmo assim e saiu do banco de reservas, sofrendo um pênalti no último minuto do jogo. Ele converte o pênalti e o Brasil se torna campeão da Copa do Mundo de 1986! A alegria foi grande e, no mesmo ano, Zico consegue sua Bola de Ouro.

Torna-se, assim, um jogador completo, #Zicomelhorquepele

Davi

A GUERRA IMINENTE

Opinião

Em pleno século XX ainda vemos casos de ameaças, conflitos causados por essa corrida boba entre crianças que estão desesperadas por atenção e querendo se sentir os melhores. Crianças disputando tamanha influência, o que estavam pensando ao botar o destino de pessoas nas mãos de crianças.

Dia 1

Recentemente mísseis foram mandados a Cuba e a crise entre Estados Unidos e União Soviética aumenta cada vez mais. Kennedy se pronunciou sobre isso, dando um limite para que os mísseis fossem retirados, se não haverá consequências. Enquanto isso, aguardou.

Urgente

Os Estados Unidos acabam de lançar mísseis em resposta à União Soviética que deliberadamente lançou seus projéteis, inesperadamente, não de Cuba e sim da própria URSS! Sem explicações ou aviso. O impacto será em dez minutos e todos estão desesperados, se escondendo e pegando cada vez mais suprimentos. Preparem-se para o impacto.

Sirenes tocam

(Esse documento foi escrito por um repórter durante a Terceira Guerra Mundial e relata a visão de uma pessoa em meio a esse conflito. O que não foi dito nesse texto foi por conta dos mísseis lançados pelos soviéticos por engano de um operador de radar que viu em sua tela mísseis americanos chegando, o que era apenas um erro. Não confie nas máquinas.)

Francisco Paulino

Era uma manhã ensolarada, naquele 16 de julho as pessoas não falavam se o Brasil seria campeão e sim de quando o Brasil iria ganhar. Era uma campanha brilhante, apenas um singelo empate na fase de grupos, já na fase final era apenas vitória, uma de 7x1 contra Suécia e 6x1 contra a Espanha, o Brasil precisava apenas de um empate para se tornar campeão.

O Brasil vinha com: Moacyr Barbosa no gol, na defesa Augusto, Ely, Juvenal, e Nílton Santos. No meio campo Danilo e Bauer, no ataque Ademir, Baltazar, Friaça e Zizinho. O Técnico era Flávio Costa.

Cerca de duzentas mil pessoas estavam no Maracanã para acompanhar aquela partida, era uma festa completa até o

presidente da época deu uma declaração já contando vitória.

Contudo, o jogo começa não muito bom para o Brasil e ele toma um gol logo aos 16 minutos do primeiro tempo e logo nos minutos iniciais do segundo tempo toma outro gol.

O caos começa. Como poderia uma seleção daquelas estar perdendo por dois gols, aos 30 minutos do segundo tempo? O técnico Flavio Costa faz uma substituição arriscada, tira o zagueiro Juvenal e bota o atacante Maneca. Cinco minutos depois, a alteração funciona e o próprio Maneca faz um gol com um chutão de fora da área.

Agora o Brasil só precisava de mais um gol. Continuou em cima e então aos 42' a seleção consegue um pênalti e Ademir

Marques se prepara para a cobrança. Avança e chuta, mas o goleiro Máspoli fez a defesa e mandou a bola para escanteio. Nesse momento bateu uma aflição muito grande no povo brasileiro, muitos estavam achando que já tínhamos perdido a Copa. Nilton Santos, já meio desanimado, vai para a cobrança de escanteio, apenas o atacante Friaça parecia confiante e tentava passar isso para o time. É então que o escanteio é cobrado, Friaça sobe no terceiro andar e cabeceia a bola, empatando o jogo para o Brasil. O estádio vai ao delírio! Cerca de duzentas mil pessoas começam uma euforia louca, com aquele empate o Brasil seria campeão, eis então que o Uruguai parte pra cima, porém não há tempo pra mais nada... O Brasil se torna, pela primeira vez, campeão mundial e a festa só acabaria na semana seguinte.

Pedro Lima

FLUMINENSE X LDU: A REVELAÇÃO DE 2008

Hoje é um grande dia aos torcedores do Fluminense e da LDU. Final da Libertadores, jogo de ida na casa da LDU e os torcedores já sentindo aquele frio que incomoda e dá angústia na barriga.

Chegando a hora do jogo, o time do fluminense liberou sua escalação. A tal: Fernando Henrique (gol); Gabriel (lateral direita); Thiago Silva e Luiz Alberto (zagueiros); Júnior César (lateral); Arouca, Thiago Neves, Cícero e Conca (meio de campo); Dodô e Washington (atacantes). Liderados por Muricy Ramalho. Logo, a Ldu liberou sua escalação também. A LDU: Carlos Luiz (gol); Diego Calderon, Guerrón e Jairo Campos (zagueiros); Espínola (lateral); Bolaños, Manso e Villagra (meio de campo); Cláudio Bieler e Delgado (atacantes). Liderados por Jorge Fosatti.

Ambos os times já haviam chegado ao estádio universitário de Quito. No aquecimento, tinham aquelas encarnadas dos adversários, apoio da torcida e a velha pressão para se ganhar o jogo.

O árbitro apita e começa o jogo. Fluminense tem boa movimentação, mas a LDU

está com o domínio do jogo. Dez minutos do primeiro tempo e é escanteio para os peruanos. Com o sol atrapalhando a visão de Fernando Henrique, Jairo Campos abre o placar com um belo gol de cabeça. O fluminense não se deixou abalar. Continuou de cabeça erguida em busca do empate. Thiago Silva dispara de contra ataque, toca para Cícero que bica de fora da área e é GOOOOOLLLLL DO FLUMINENSE!!!!

Fim do primeiro tempo. Jogo empatado e a LDU com mais vantagem no jogo. Conversas e brigas nos vestiários.

Apitos para o início do segundo tempo. Fluminense parece perdido em campo. LDU se aproveita e Bolaños chega arrebatando a rede aos quarenta minutos do segundo tempo. Fluminense criou jogada até o fim da disputa, mas não soube aproveitar.

Fim de jogo. Lamentações e preocupação dominava o ambiente, porém o Fluminense tinha chance de ganhar. Thiago Silva, autor da assistência do gol, comenta: “hoje a equipe precisava de mais raça para jogar, mas nossa vitória de hoje foi o gol. Nossa obrigação para o próximo jogo é não deixar com que a bola entre, e fazemos o gol”.

Uma semana atrás, o Fluminense perdeu fora de casa, porém garantiu dois pontos. Os times chegam ao estádio do Maracanã para jogarem a final da Libertadores.

Escalação dos times. Fluminense: Fernando Henrique (gol); Gabriel (lateral direita); Thiago Silva e Luiz Alberto (zagueiros); Júnior César (lateral); Arouca, Thiago Neves, Cícero e Conca (meio de campo); Dodô e Washington (atacantes). Liderados por Muricy Ramalho. LDU: Carlos Luiz (gol); Diego Calderon, Guerrón e Jairo Campos (zagueiros); Espínola (lateral); Bolaños, Manso e Villagra (meio de campo); Cláudio Bieler e Delgado (atacantes). Liderados por Jorge Fosatti.

Estádio lotado, festa na torcida tricolor. Apita o árbitro e começa o primeiro tempo. Os jogadores de ambos os times pareciam nervosos, contudo, a vontade de vencer é maior. Fluminense domina completamente o primeiro tempo. Quinze segundos para acabar, Arouca faz um belíssimo lançamento para Thiago Neves, que explode o gol da LDU. E a torcida tricolor cada vez mais animada e fazendo com que o time jogasse com muita raça. O primeiro tempo acaba. A equipe peruana sai do campo de cabeça erguida, mas com medo de serem derrotados. A do Fluminense, por sua vez, sai feliz, apesar de o placar ainda não ser confortável para o time.

Começa o segundo tempo. A equipe adversária a do Fluminense demonstra empenho e sobe de patamar. Os cariocas brincam com a bola até os quarenta minutos. LDU se aproveita da situação e Bolaños dá uma arrancada e... bota na gaveta... Placar empatado, agora é tudo ou nada, e a torcida tricolor não para. Fogos, mosaico, músicas e muita energia positiva para o time. Faltando cinco minutos para o término do campeonato, escanteio a favor do tricolor. Zagueiros na área, e quem cobra o

escanteio é Thiago Neves. Lança perfeitamente na cabeça de Washington e ele não bobeia. GOOOOOLLLLL!!!! E É DO FLUMINENSE!!!!

Final de jogo no Maracanã. Comemoração sem fim para a família tricolor. É tanta emoção que não dá pra medir. O estádio inteiro sorrindo e cantando. Os jogadores emocionados e surpreendidos por ganharem enfim a Libertadores de 2008. É festa que não acaba.

Ana Clara Alamino

COMO A TORRE DE PISA ENTORTOU

Você já pensou em como a Torre de Pisa entortou? Senão, irei esclarecer tudo para vocês, espero que se divirtam. A história é bem simples, ela se resume a basicamente Deuses e futebol. O que aconteceu foi o seguinte:

Depois de uma reunião, que tinha por objetivo reclamar dos Humanos – pois estavam venerando somente um Deus (que seria Zeus) –, Hades comenta criticamente:

– Palhaçada essa dos humanos, se acham os maiores e ainda criam uma religião para usar como desculpa para serem melhores que os outros. Na minha época, se eu fizesse isso, me mandavam para o inferno!

Athena concorda e responde:

– É, e ainda tem esse tal de Papa. Quem ele acha que é? Ele acha que é melhor que os outros, sabiam que ele tem poder supremo, total, imediato e universal sob todos os católicos e igrejas? Palhaçada...

Depois da reunião e separação dos times, o famoso e único futebol celestial (que somente os deuses podem ver) vai começar, dá para sentir a tensão daqui.

Antes de começar, o hino dos deuses. (Desculpem, não sei ler nem escrever grego.)

E vai começar a partida, as provocações estando rolando soltas. A bola desliza e o jogo começa. Os times estão animados, a bola é passada para Apolo, que passa para Poseidon, ele recebe e se prepara para chutar, quando Hades grita:

– Harry Potter é melhor que Percy Jackson!!

Poseidon, irritado, chuta com toda sua força e utiliza seus poderes para isolar a bola para fora do estádio. A bola cai e bate com força total na torre de Pisa, bem na sua estreia, deixando-a torta, porém não doce.

E no final, cartão vermelho para Poseidon por usar poderes e cartão amarelo para Hades, por provocação.

Gustavo Lira

DOSSIÊ BRINCAR COM PALAVRAS

sem um numero
um numero
numero
zero
um
o
nu
mero
numero
um numero
um sem numero

Augusto de Campos

Linha. Verso. Tijolo. Estamos trabalhando nisso.

Inspirados na poesia concreta brasileira, brincamos com as palavras, jogando-as no papel.

Um martelo aqui, um lápis ali, e modelamos. Textos que parecem imagens, imagens que parecem textos.

Foi divertido. Não se assustem se, sem querer, tiverem construído algo para além da tinta e do papel.

ERA UM HOMÉM BEM VESTIDO
FOI BEBER NO BOTEQUIM
BEBEU MUITO, BEBEU TANTO
QUE
SAIU
DE LÁ ASSIM.

"Poeminhas cinéticos", de Millôr Fernandes



Obra de referência: "Poesia concreta brasileira: as vanguardas na encruzilhada modernista", de Gonzalo Aguilar

O amor é *lindo*

O amor é lind

O amor é lin

O amor é li

O amor É L

O *amor* é

O amor

O amo

O am

O **a**

O

Ou

Ou é

ou é t

Ou é tu

Ou é tud

Ou é tudo

Ou é **tudo u**

Ou é tudo um

Ou é TUDO UMA

Ou é tudo uma i

Ou é *tudo* uma il

Ou é tudo uma ilu

~~Ou~~ é TUDO UMA ilu

Ou é tudo *uma* ilus

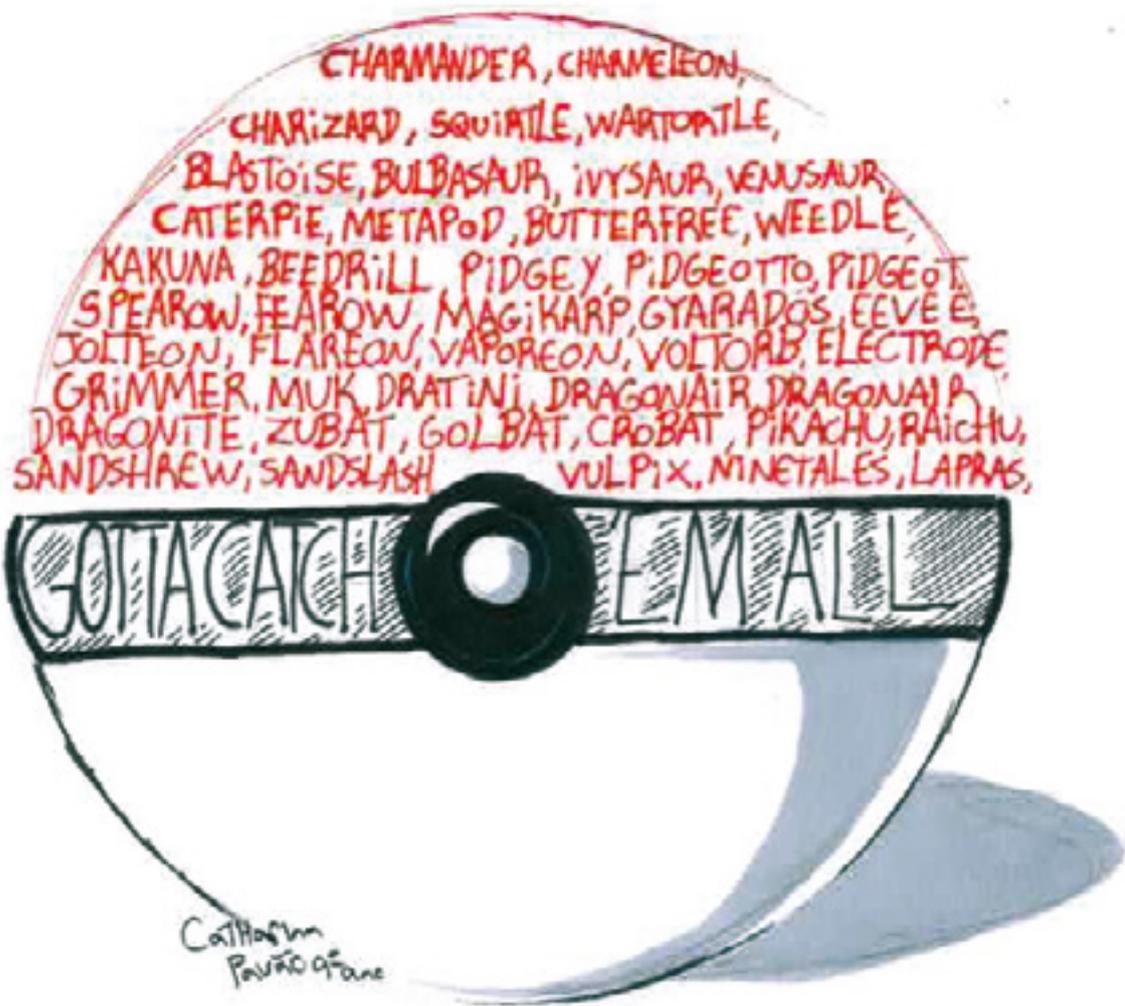
Ou é tudo uma ilusã

~~Ou~~ é tudo uma ilusão

Amanda Rodrigues



Ana Telles



Catharina Pavão



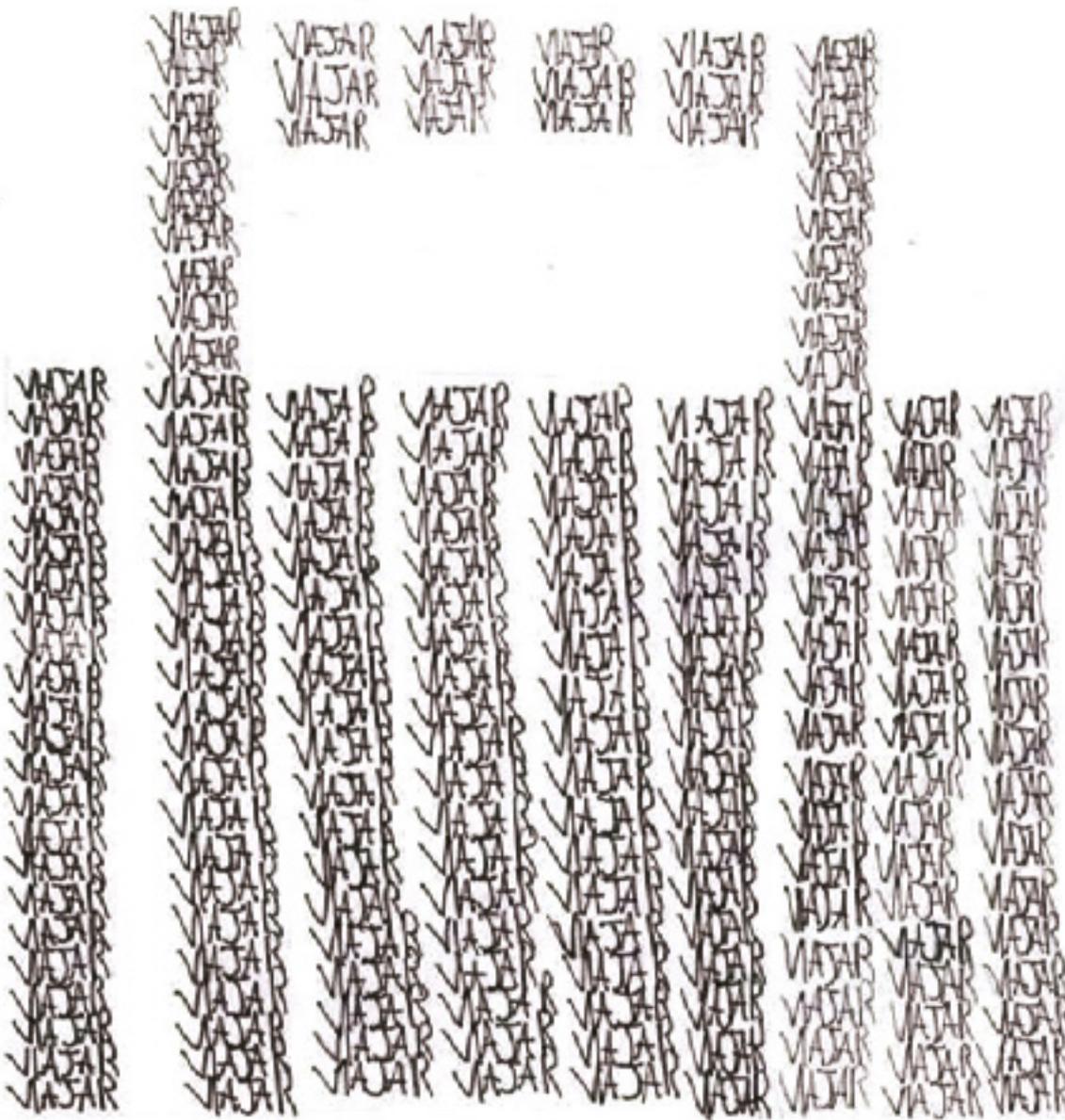
Davi



Duda Alves

Duda Alves





Guilherme T. de Almeida

Guilherme

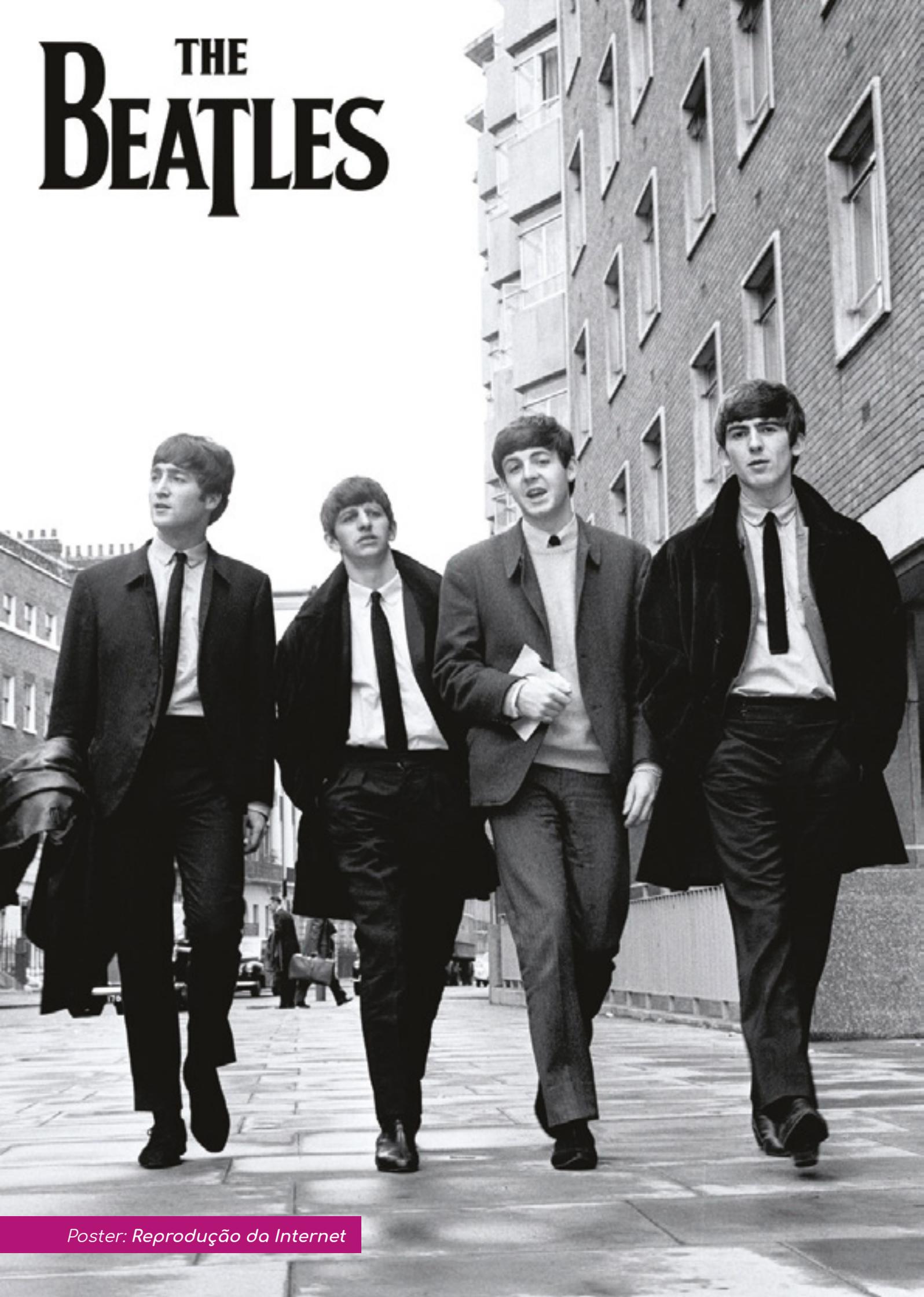


Pedro Lima



Pedro Arthur

THE BEATLES



Poster: Reprodução da Internet

DOSSIÊ BEATLES



Beatles? Por que Beatles?

*"You say you want a revolution
Well, you know" ("Revolution I", The Beatles)*

Simples.

Em 1997, O Álbum Branco foi nomeado o décimo melhor disco de todos os tempos pela *"Music of the Millennium"* da Classic FM. Em 1998 a Q Magazine colocou como 17º lugar e em 2000 em 7º lugar. De acordo com a Associação da Indústria de Discos da América, o disco é 19 vezes disco de platina e o décimo disco mais vendido nos Estados Unidos.

Por que não recuperar as músicas de uma banda que fez tanto sucesso em outros tempos?

"O livro branco", lido e discutido com a turma do 9º ano, é uma referência a esse álbum tão premiado. Autores de vários estilos, escolheram suas músicas preferidas e, para elas, compuseram, narrativas. Algumas bem-humoradas, outras trágicas, românticas, indecifráveis, todos os tipos.



A viagem foi muito interessante! Tão interessante e rica que os alunos do 9º ano também imergiram nesse contexto dos anos 60, no universo Beatles e escolheram suas canções preferidas – tarefa difícil – e compuseram suas narrativas.

Uma deliciosa maneira de homenagear uma banda que ultrapassa o tempo com suas canções e sua incrível influência no mundo artístico e na vida de milhares de pessoas.

Tenho certeza de que o leitor vai se identificar e, quem sabe, chegar a casa, procurar entre suas coisas um pedacinho de Beatles e (re)descobrir o prazer de ouvir os meninos de Liverpool, sem pressa.

"We hope you will enjoy the show" ("Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band", The Beatles)

HEY JUDE

Muito tempo que a gente não se fala, né ? Sinto sua falta, muito mesmo. Aqui tudo continua o igual, calmo, feliz e harmônico. Mas não é o mesmo sem você, todos sentem sua falta.

Às vezes lembro-me de nós juntos, no parquinho, no cinema, andando na rua... E quanto mais eu penso, mais meu coração se torce e a saudade aumenta.

Me lembro do dia que nos conhecemos como se fosse ontem. Eu estava em uma cafeteria no centro tomando um café e lendo um livro, quando você veio na minha direção e falou:

- Deseja mais alguma coisa, senhor ?

Quando levantei minha cabeça para te responder, vi a pessoa mais bonita da minha vida, mas não uma beleza exterior, vi seus olhos e todas as coisas interessantes que eles me poderiam dizer. Depois de cinco segundos, que pareciam minutos, você continuou falando, com uma cara de estranhamento:

- Porque nós já vamos fechar.

- Não; já acabei, vou pagar no caixa - falei.

Quando saí, percebi que você estava tirando seu avental, então decidi esperar a sua saída. Hoje fico muito feliz por ter esperado, ao contrário, nunca teria te convidado para sair e nunca me apaixonaria.

Daí em diante, só com uma palavra consigo descrever o que sentia, amor, e eu sabia que era recíproco. Até que um dia tudo acabou. Alguns meses atrás estava chegando em casa quando, na porta, vi um papel. Peguei-o, achando que era lixo, mas quando vi era uma carta, mais especificamente um bilhete. Caso não lembre o que estava escrito, vou falar:

“ Oi Pedro.

Não fique triste pela minha partida. Sei que não foi justo eu ir sem falar nada. Mas sabia que não iria me deixar ir e eu estava com medo de você me prender mais uma vez.

Prometo que não vou falar a ninguém o que você fez, guardarei esse segredo comigo até o caixão. E eu te perdoo. Não deixarei meu endereço para que não venha atrás de mim.

Um beijo, Jude.”

Depois desse dia me prometi que iria te encontrar e, adivinha só? Achei. Vou sair daqui a três dias, essa carta deve chegar antes.

Estou chegando, meu amor. Dessa vez você não vai fugir. Ficaremos juntos para sempre.

Hey Jude, don't be afraid

Um grande beijo, Pedro.

Ana Telles

LET IT BE

— Mãe, cheguei.

— Como foi a escola?

— Foi difícil, mãe.

*When I find myself in times of trouble,
my mother Mary comes to me.*

— O que houve?

Respondi calmamente para não causar preocupação.

— Ah mãe, é o seguinte, não consigo me concentrar para nada em relação às matérias da escola, não consigo manter diálogo com amigo nenhum e me acho insuficiente para tudo.

*And in my hour of darkness, she is
standing right in front of me.*

— Meu amor, você precisa de mais dedicação escolar, sei que está em um momento difícil, mas eu vou te ajudar a aguentar tudo isso. Sobre seus amigos, muitos só estão ao seu lado em momento de felicidade ou curtição, quando você realmente precisa, eles se vão e só os que estão, de fato, com você, ficam. Você não é insuficiente, para mim você é mais

que suficiente. Pense positivo sobre você mesmo, sinta-se bem e confortável para conversar sobre qualquer coisa comigo, independente do que for.

Então eu a escutei, abracei e saí, porque percebi que só quem poderia mudar ou melhorar essa situação era eu. Tentarei não optar por ações precipitadas, porque sei a dor que pode causar aos meus próximos, e vou conseguir ser forte o suficiente.

Bom dia. E mais um dia eu estou aqui, sem saber o que fazer.

A caminho da escola, o carro sofre um acidente, e pronto, tudo o que eu esperava que acontecesse, mas não fazia a menor ideia de como seria tão incômodo para mim.

Era um dilema eterno na minha mente. Se eu optava por lutar ou se me deixava levar por tal situação e desistia de tudo logo de uma vez.

Os últimos sussurros que eu consegui ouvir foram os da minha mãe dizendo "*let it be*, você é forte e capaz de conseguir, *don't leave me.*"

Ana Clara Alamino

ELEANOR RIGBY

“Dia de casamento, igreja cheia, não sei onde irei sentar, então me sento no chão, no fundo da igreja. Após um tempo sentando, o casamento inicia, porém noto alguém do lado de fora da igreja, no canto da janela, como se estivesse observando o casamento com um pote em suas mãos. Dirijo-me para fora da igreja e vou em direção a essa pessoa.

Antes de chegar a ela, percebo que está chorando. Aproximo-me e pergunto se está tudo bem, ela, em um movimento inesperado e sem perguntas, me abraça e chora.

Após conversar por um tempo, nós saímos para tomar um café. E com isso saímos mais algumas vezes, porém nunca quis me dizer seu nome, acabamos virando bons amigos.

Até que depois de uma longa conversa, com ideias de ajudar pessoas que, como ela, sofriam com a solidão, ela saiu com um sorriso e foi para casa, e eu feliz por ter ajudado alguém e com ótimas ideias de como poderia ajudar mais pessoas como ela, voltei para casa com um sorriso no rosto.

Na manhã seguinte, combinamos de nos encontrar na igreja em que nos conhecemos, porém, ao chegar lá, desabei no choro, pois a encontrei morta na janela em que nós nos falamos pela primeira vez. Não estava entendendo o que tinha acontecido, até que achei essa carta ao seu lado e nela vinha escrito um texto de adeus:

“McKenzie, eu gostaria de pedir desculpa por te fazer passar por tudo isso, mas ao mesmo tempo eu gostaria de te agradecer por me proporcionar os melhores meses e momentos da minha vida. Eu não sei explicar, mas eu não estava conseguindo mais aguentar, porém, quando você apareceu, eu me segurei por um momento, mas sabia que não iria aguentar mais muito tempo. Realmente foram bons momentos. Só te peço duas coisas, por favor, continue com a sua ideia de ajudar os outros, isso realmente vai me deixar feliz e, por último, pense um pouco mais em você e menos nos outros. Você se desvaloriza muito e isso não é bom.

Obrigada por tudo.
Ass: Eleanor Rigby”

Como prometido, criei um grande grupo ou programa com a intenção de ajudar pessoas que realmente funcionou.”

Porém, meses depois, o velho Father McKenzie se suicidou e deixou um recado a todos:

“Ame o máximo que puder, pois tudo desaparece tão rápido quanto apareceu”

Gustavo Lira

OS MELROS

Era uma vez dois pássaros que adoravam viver com os outros animais na Fazenda Chapada das Margaridas. Eles escolheram uma árvore e perto dela, debaixo da terra, faziam todos os dias um novo ninho. Seus amigos, de tanto trazer comida dos humanos para eles, fizeram com que gostassem de comida fresca e saborosa. De tardinha, ao anoitecer, os pássaros e os amigos animais aproveitavam para se acomodar perto da toca e saborearem juntos a comida humana fresca e gostosa até a hora de dormir.

Os amigos sempre se reuniam ali, porque os pássaros eram muito legais e porque o ninho deles ficava debaixo de uma árvore muito bonita. Mas os pássaros sempre achavam que seu ninho poderia ser mais confortável e, por isso, o refaziam todos os dias.

Eles gostavam muito de jantar junto com seus amigos e comer chocolate, profiteroles, churrasco, batata doce, inhame e refrigerantes, mas, apesar disso, ainda estavam insatisfeitos com seu ninho.

Então eles acabaram procurando outra árvore e, juntos, construíram um novo ninho e se aconchegaram nele.

Os pássaros estavam acostumados a serem estimados por todos os outros animais e, por isso, sua árvore não era muito longe da fazenda. Assim, seus amigos ainda podiam vir jantar de vez em quando.

O conforto do ninho era legal, mas a amizade dos outros animais também era importante para eles.

Guilherme Toledo

"ACROSS THE UNIVERSE"

Um homem que tinha poderes veio para a Terra, e caiu no meio da floresta Amazônica. Sem saber onde estava, ele ficou desorientado. Logo em seguida, olhou para um lado, olhou para o outro e avistou uma criatura estranha, que por sorte era inofensiva e, com seus poderes, domou-a rapidamente com a intenção de seguir viagem com ele.

Quando percebeu que estava no planeta Terra e que tinha saído do seu planeta nativo, ele buscou alternativas para escapar da Terra, principalmente da floresta amazônica. Uma das alternativas era ir até um centro onde havia equipamentos de astronautas e pegar um set inteiro para seu Furão, - o animalzinho que ele dominou e escolheu para ser seu companheiro de viagem - nisso houve problemas com policiais, alarmes entre outros. Finalmente ele conseguiu roubar, usou seu poder de voar e fugiu com seu Furão até seu planeta nativo.

Voltando para a casa, ele junto com seu Furão, encontrou outros Super-Heróis amigáveis. Três homens e duas mulheres imortais aliaram-se a ele e seu Furão e

com ajuda deles, implantaram dispositivos no Furão para que ele pudesse viver sem equipamentos no novo planeta. Eles construíram uma vila futurística para morar e viver e, com o passar dos anos, viajaram, os seis Super-Heróis e um Furão, para conhecer e habitar novos planetas como Saturno, Júpiter, Marte. Atravessaram o Universo buscando lugares livres de sofrimento e aberrações.

Ramon Macedo

WHILE MY GUITAR GENTLY WEEPS

"I look at you all
See the love there that's sleeping
While my guitar gently weeps"
The Beatles

Enquanto você gentilmente chora

Eu olho vocês todos, e vejo a decepção no olhar, as pessoas chorando, se mutilando, o amor escasso.

Eu olho para o chão, e o vejo molhado de lágrimas, sangue por todo chão a mistura homogênea caindo direto no ralo, sem volta.

Eu olho o mundo, e vejo as pessoas felizes, se abraçando, saltitantes por aí, sorrindo.

Com todo erro você é o meu, e vejo que não me arrependo de ter descoberto você.

Eu não sei por que ninguém te disse como desdobrar meu amor por você.

Eu não sei como você me deixou te controlar, com suas cordas de aço, e suas asas majestosas de madeira.

E por isso a toco com tanto amor e carinho, enquanto você, minha guitarra, gentilmente chora.

Maria Eduarda

UM DIA MUITO ESPECIAL

"Ei Jude, não fique mal
Pegue uma canção triste e torne-a melhor.
Lembre-se de deixá-la entrar em meu coração.
Então você pode começar a melhorar as coisas"

-Então, irmã, essa é a tradução da primeira parte, mas por que você quer isso mesmo?

-Valeu!! Ah, é porque eu tô começando a gostar do Beatles. Eu, na verdade, queria ir ao show deles. Você me levaria?

E então tudo aconteceu. Eu e meu irmão fomos ao show dos Beatles e foi o melhor dia da minha vida. É a mais sincera memória que tenho de nós dois juntos. Muita coisa aconteceu naquela noite.

Da nossa casa até o show eram, mais ou menos, umas oito horas de viagem. Saímos de casa faltando dois dias para a grande noite. Chegando à cidade, fomos comer para então irmos dormir, o grande evento seria no dia seguinte,

Já no show, era tudo tão lindo e organizado. Muitas mulheres meio loucas e fanáticas. E os Beatles no palco, nossa, era a melhor coisa. Arrumados, afinados e empolgados. Eu tinha muita vontade de ir lá para frente e cantar com eles.

Depois desse dia, eu e meu irmão nos aproximamos muito mais, descobrimos que tínhamos muito em comum. Conversamos muito, cantamos muito, dançamos, comemos e conhecemos um lugar novo e lindo.

Depois de três meses, tudo na minha vida mudou. Eu me vi em um cemitério, parada, olhando para a cova de algum infeliz. Levantei a cabeça e vi outras pessoas ali, paradas. Mas eu conhecia aquelas pessoas. Eram meus familiares, e amigos do meu irmão. Foi naquele local, naquela hora, que eu não sentia mais nada, eu não sabia se ficava ali parada olhando ou se chorava para sempre.

A cada dia que passava doía mais, nada fazia sentido, eu estava tendo o pior ano da minha vida, perder meu irmão não foi fácil.

Mas então comecei a sentir um molhado estranho na minha cara. Meu irmão, tacando água em mim e falando para eu acordar, pois o show tinha acabado no dia anterior e a gente precisava voltar pra casa.

- "*Ei Jude, não fique mal*", mas pega logo suas coisas e vamos embora daqui, porque eu não vejo a hora de chegar em casa.

A gente, às vezes, só dá valor a alguém quando o perdemos. O sonho que tive foi umas das maiores dores que já senti. Agradeço a Deus pelo meu irmão estar vivo.

Agora tudo está bem.

Amanda Leite Rodrigues

YESTERDAY

Na mesma hora de sempre, no mesmo bar de sempre, no mesmo banco de sempre. Chamou o barista e pediu a bebida de sempre. Desviou seu olhar em direção à porta. Não sabia mais o que estava esperando. Agradeceu ao barista e voltou sua atenção

para a banda de jovens que estava tocando no local. Por ironia do destino, os jovens começaram a tocar Yesterday, dos Beatles, a música que ele aprendeu a odiar com o tempo. Riu soprado e tentou ignorar a melodia que conhecia muito bem.

O tilintar do sino acima na porta indicou que alguém havia entrado, mas ele conseguiu segurar a vontade de olhar. Sentiu uma presença ao seu lado e supôs que fosse a pessoa que tinha acabado de entrar. Levantou um pouco a cabeça e encontrou com o par de olhos que achou que nunca mais fosse ver na vida.

– *Scarlet?*

--\\--

- *Scarlet!*

Chamou a menina que havia acabado de entrar pela porta após ouvir o familiar tilintar do sino. Pagou rapidamente pela sua bebida e logo foi em direção à garota, que lhe recebeu com o sorriso que tanto amava. Pegou em sua mão e saíram porta a fora, para aproveitar o máximo que podiam do dia que teriam juntos.

Todos os meus problemas pareciam tão distantes.

--\\--

A Menina se virou para direção em que ouviu seu nome ser chamado e se assustou com a visão que teve, nunca pensara que iria reencontrá-lo dessa

forma, nesse lugar, nesse dia. Ficou apenas o observando, percebendo que o olhar alegre do rapaz foi substituído por um de tristeza e cansaço. Imediatamente se sentiu mal por ele, afinal não foi sua intenção deixá-lo dessa forma.

– John? – Respondeu o rapaz e o viu engolir em seco e desviar o olhar para o outro lado, evitando olhar em seus olhos. Ela não sentiu raiva, muito pelo contrário, sabia que ela merecia isso. – Olha, John, me desculpa, eu não fiz-

– Custava ter avisado?

Um silêncio tenso tomou conta do ex-casal, ela por não saber como responder e ele por estar lembrando de tudo que passou nesse último ano sem a garota ao seu lado. Se arrependendo de fazer a pergunta, murmurou um baixo “esquece”, que mal foi ouvido pela garota, mas ainda conseguiu ouvir. Olhou para o copo do moreno e lembrou-se da bebida que sempre tomavam naquele bar, vendo que era a mesma. Ele ainda se lembrava de tudo afinal. Pensou.

– Tem sempre vindo aqui? – Viu-o concordar com a cabeça – Nos dias de sempre? – Concordou de novo – No mesmo... horário? – Ficou meio relutante em perguntar, mas acabou falando mesmo assim. Ao ver o garoto confirmar novamente, sentiu seu coração apertar. Não queria vê-lo desse jeito. – Continuou seguindo o nosso trato? – Dessa vez ela queria ter uma negação como resposta, mas ao ver o garoto confirmar mais uma vez, sentiu-se a pior pessoa do mundo.

-- \\ --

Mensagem de texto

Johnniee: Scarr

Scarliee: Oi meu bem, o que houve?

Johnniee: Eu tô triste, quero te ver.

Scarliee: Vamos fazer o seguinte então, sempre que você, ou eu, estiver triste, vamos para o nosso lugar preferido. Que eu tenho certeza que você sabe do que eu estou falando.

Johnniee: Ótima ideia, já saí de casa.

A garota riu sozinha em sua casa e se levantou para se arrumar.

Depois desse dia, vários dias como esse voltaram a acontecer, eles mandavam um simples "Estou aqui" para o outro e o que recebeu a mensagem ia imediatamente até o local.

Até um dia em que John mandou-lhe um "Estou aqui" e continuou lá por um bom tempo, esperando uma pessoa que nunca apareceu.

Ele continuou voltando lá com esperança de que a garota visse sua mensagem e chegasse correndo pedindo desculpas, e ele logo começaria uma brincadeira de

que achou que a menina havia morrido. Mas isso nunca aconteceu.

Ele pensava que seus problemas estavam bem longe, mas agora parece que eles vieram pra ficar.

--\\--

Ele estava se sentindo sufocado ali, depois de tanto tempo esperando a garota e querendo ela ao seu lado, agora, só queria ficar o mais longe possível, ele não aguentava mais segurar o choro que estava preso em sua garganta desde que Scarlet começou a fazer aquelas perguntas. Ele mesmo tinha muito mais perguntas que ela. Mas não conseguia falar uma palavra sequer. Não conseguia nem olhar para o rosto da garota que um dia ele tanto amou.

Why she had to go; I don't know She wouldn't say

Finalmente olhou para a garota. Ficou apenas olhando, sem iniciar nenhuma frase e sem indícios de que falaria. Estava apenas matando saudade daquele rosto. A menina percebeu o olhar de John sobre si e apenas deixou. Com aquele olhar, ela percebeu que de nada adiantaria se justificar, ele não pretendia continuar com aquilo, estava apenas se despedindo. Ele sorriu para a garota e logo recebeu um sorriso de volta, agradecendo mentalmente a garota por não perguntar mais nada, percebendo o que ele pretendia. Sentiu-se bem por finalmente tê-la reencontrado, mas estava melhor ainda por poder acabar com aquilo dessa

forma, pode não parecer, mas para ele estava realmente tudo bem em acabar desta forma, pois, para ele, aquilo já tinha acabado há muito tempo.

– Scarlet, foi bom te reencontrar – Estendeu a mão, que logo a menina apertou. – Mesmo. – Ela concordou com a cabeça, entendendo o pensamento do garoto. – Vou indo. Talvez a gente se

esbarre por aí, mas por mim, é um adeus. Soltou a mão da garota e saiu porta afora, para aproveitar o resto de noite que tinha em sua casa, em paz com seus pensamentos. A garota, ao ver o garoto sair pela porta, se desculpou mentalmente pelo que o fez passar, mesmo sem saber de tudo.

Eu não fui embora para te deixar.

Ana Luiza

WE CAN WORK IT OUT

Quando tudo começou, eu tinha apenas 7 anos, era pleno verão na Inglaterra, foi quando eu conheci o Paul, um menino mágico que sempre estava sorrindo, podia ser a pior situação que ele sempre dizia que daria um jeito. Paul não era de ter uma vida difícil, vivia em Southampton, em uma boa casa, e diziam que poderia ser um bom jogador de futebol.

Estávamos brincando em pleno 1928, quando chega e conta que eles iriam se mudar para Frankfurt, na Alemanha. Eu fiquei arrasado, mas ele disse que tudo se resolveria, ele iria mandar cartas todo mês.

Chegando à Alemanha, ele me mandou dizendo que sua casa era um pouco menor, mas tinha uma linda vista. O tempo passou e Hitler ganhava força, eu mandei uma carta falando sobre isso, e ele dizia que tudo iria dar certo. Paul era judeu e seu pai era dono de banco e era conhecido por “resolver” crises. Em 1938, a coisa se agravou, Paul já tinha 16 anos, mas apreciava o mesmo. Vivia bem e se preparava para entrar na faculdade, namorava uma lourinha que morava perto de sua casa, ela se mudou para Berlim, pois seu pai serviria no partido nazista, não tinha problema, ela pelo menos beijava, ele disse.

Os anos se passam e Paul e seu pai são obrigados a se mudar para França, mas devido às questões nazistas, iriam morar em uma pequena casa, escondida um pouco. Afinal, o dinheiro era curto, mas, como sempre, vivia sorrindo e estava feliz de estar em um país longe do controle nazista.

Paul, na França, descobriu uma nova paixão, o violão. Procurou seu professor de música da escola, ele disse que o ensinaria. Ele ainda tinha também sua paixão por

jogar futebol. Naquele mesmo ano, tive a sorte de poder visitá-lo na França. Passei três dias com Paul, três dias que nunca esquecerei. E apenas dois meses depois de eu ter ido visitá-lo. Hitler tomou a França.

Paul ficou um tempo sem responder as minhas cartas, me bateu uma aflição, comecei a pensar no pior, pedi ajuda a meu pai, que é jornalista, para que conseguisse alguma informação. Depois de um tempo, meu pai descobriu através de alguns amigos, que ele estava na França, eles disseram que Paul estava sendo mantido em segredo em uma escola católica na França.

Passa-se um tempo, quando, finalmente, recebo uma carta de Paul. Ela veio disfarçada e demorou o dobro do tempo para chegar. Nessa carta dizia que ele estava próximo de retornar à Inglaterra através de um esquema em que se usaria um alemão fingindo-se ser seu pai. Ele também disse que, apesar de estar quase que preso lá, tinha vários amigos e podia tocar violão. Acreditava que os aliados dariam um jeito e libertariam a França.

O tempo passa e o dia de chegada de Paul na Inglaterra havia chegado. Então, eu e meu pai fomos para estação cedo. Passa o trem que vinha de Paris, olho por todos os lados e nada de achá-lo. Meu pai vê a pessoa que iria trazê-lo, mas Paul não estava com ele. Corremos em sua direção e perguntamos onde estava Paul, ele parecia estar chorando, então eu, imediatamente, entendi, ele havia sido capturado, comecei a chorar, meu pai me abraçou e disse que tudo ficaria bem.

Depois, quando chegamos à casa de Fritz, o amigo do meu pai que traria Paul, ele mostrou uma carta que Paul tinha escrito minutos antes de ter sido capturado. A carta foi achada debaixo de sua cama por Fritz, e nela dizia:

“Querido amigo John, infelizmente não vou conseguir chegar a Londres. Os nazistas descobriram o plano e estão vindo à escola para capturar os judeus, agradeço a disposição sua e de seu pai, mas garanto que tudo dará certo. Os aliados ganharão a guerra e nos libertarão. É incrível o que um ódio do ser humano é capaz de fazer, desejo que tenha uma boa vida, e garanto que sairei dessa, afinal, demos um jeito em muita coisa e daremos o jeito nisso também.

Seu amig...

Paul não foi capaz de terminar, provavelmente, teve que se esconder nessa hora. Ao terminar de ler, eu não me segurei, e fiquei com muito ódio, comecei a quebrar as coisas, até que meu pai me segurou e eu apaguei em seus braços.

Quando eu acordei, já era outro dia. Apesar da tristeza, tinha que seguir com minha

vida. Ao longo do tempo, fiquei sabendo dos avanços bem-sucedidos dos aliados na URSS, Itália e na França. Criei esperanças de que Paul poderia ser libertado.

Assim que a guerra acaba, Fritz vai à Alemanha em buscas de Paul e seu pai. Ele descobre que Otto, pai de Paul, havia sobrevivido e estava se recuperando na Polônia. Já Paul, havia morrido em Aushivitz.

Tudo isso fez com que eu passasse a olhar diferente para vida, reclamar menos, e aproveitar cada momento como se fosse o último e, assim como Paul, pensar que sempre podemos dar um jeito.

Pedro Lima

THE BEATLES



George Harrison Paul McCartney John Lennon Ringo Starr

© 2007 Polygram. All Rights Reserved. Photo by Bruce Weber/Annie Liebowitz Agency

© 2007 Apple Records. All Rights Reserved. Photo by Bruce Weber/Annie Liebowitz Agency

EXPEDIENTE

Apresentação: Mateus Bertolino

Revisão: Mateus Bertolino e Mônica Scheer

Autoria dos textos: Alunos do 9º ano/2017 da escola Aldeia Curumim

Design e Diagramação: Bernardo Nemer (www.bernardonemer.com)

Capa: foto-montagem de Ana Luiza Torres a partir de uma cena do filme "Blade Runner 2049", de Denis Villeneuve

Colaboração: Mônica Scheer

Apoio institucional: Marcelo Cantarino Gonçalves



www.aldeiacurumim.com.br



www.aldeiacurumim.com.br